



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS  
HUMANAS DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**WESLEY DE MELO SANTOS**

**FONTES PARA A HISTÓRIA DO TEATRO NO SÉCULO XIX,  
TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DE “CASAMENTO A PÁO”**

**SÃO CRISTÓVÃO  
2023**

**WESLEY DE MELO SANTOS**

**FONTES PARA A HISTÓRIA DO TEATRO NO SÉCULO XIX,  
TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DE “CASAMENTO A PÁO”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História (DHI) do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção de nota na disciplina de Prática de Pesquisa.

**Orientador:** Prof. MSc. José Mário dos Santos Resende.

**SÃO CRISTÓVÃO  
2023**

## **AGRADECIMENTOS**

Registro, neste espaço de reverência e de honraria, a minha gratidão à existência de todos aqueles que direta e indiretamente contribuíram para a concretização de mais um projeto de vida.

Ao meu orientador, José Mário dos Santos Resende, pela dignidade e pela sabedoria com que conduziu a minha jornada acadêmica e por ter sido “a voz guia” neste percurso de consciência, nos últimos anos.

Aos colegas de UFS e aos companheiros de grupo de pesquisa, sobretudo, Beatriz Guimarães Jardim, pelas preciosas leituras, e orientações.

À minha família, meus pais, Maria Alcilane e Roberto, meus irmãos Thaynara e Romário, pelo apoio em todos os momentos.

Em especial, a Deus por toda força e luz que produziu em minha consciência para que pudesse permanecer no caminho dos meus objetivos.

## RESUMO

Este presente artigo, visa apresentar e contribuir para a propagação, disseminação do conhecimento histórico acerca do teatro brasileiro do século XIX, pretende-se investigar as influências e o contexto aos quais eram apresentadas determinadas peças ao público, mas especificamente a obra casamento a páo, que há de ser propaganda juntamente com um fato histórico de suma importância para a sociedade brasileira. o fator mais importante aqui a se destacar trata-se da demonstração e conhecimento de um autor renomado e um de seus feitos, esse documento trará os objetivos, intenções presentes na exibição dessa fonte historiográfica, em forma de peça teatral.

**Palavras-chave:** Brasil Teatro; Século XIX; Dr.. Pires de Almeida.

## ABSTRACT

This present article aims to present and contribute to the propagation and dissemination of historical knowledge about 19th century Brazilian theater. It aims to investigate the influences and context in which certain plays were presented to the public, but specifically the work Casamento no Páo, which it must be propaganda together with a historical fact of utmost importance for Brazilian society. The most important factor to highlight here is the demonstration and knowledge of a renowned author and one of his achievements, this document achieves its objectives, aims to present this historiographical source in the form of a theatrical play.

**Keywords:** Brazil Theater; XIX Century; Dr. Pires de Almeida.

## SÚMARIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. SURGIMENTO DO TEATRO NO BRASIL.....	4
3. EVOLUÇÃO DO TEATRO NO BRASIL.....	5
4. EXPONDO OS CONSTRUTORES.....	5
5. ENTRETENHA-OS ANTES QUE VEJAM.....	6
6. MOLIÈRE, CASAMENTO FORÇADO.....	7
7. CASAMENTO A PÁO.....	8
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	9
9. FONTES .....	10
10. REFERÊNCIAS .....	11
11. ANEXOS .....	12

## **1. INTRODUÇÃO**

Este artigo tem como seu objeto central, a exibição do conteúdo intrínseco através da transcrição de um documento, de maneira mais objetiva, trata-se da peça teatral casamento á pao, será dissertado sobre o contexto social e político acerca da mesma, levando em conta que essa obra é uma interpretação feita por José Pires de Almeida, da peça casamento forçado, cujo autor é Molière.

A Hemeroteca Digital Brasileira, foi a fonte primária para o início desse trabalho, foi através da mesma que foram realizadas pesquisas para que este projeto pudesse ser exibido, o portal é um dos maiores acervos documentais nacional, que possibilita a consulta online de diversos jornais, revistas, anuários, boletins, entre outros documentos. podendo ser encontrado jornais de grande notoriedade do século XIX, XX entre outras temporalidade, a exemplo das revistas: O Espelho, Reverbero Constitucional Fluminense, O Jornal das Senhoras, O Homem de Cor, Marmota Fluminense, Semana Ilustrada, A Vida Fluminense, O Mosquito, A República, Gazeta de Notícias, Revista Ilustrada, O Besouro, O Abolicionista, Correio de S. Paulo, Correio do Povo, O Paiz, Diário de Notícias, e também os primeiros jornais das províncias do Império. Careta, O Malho, O Gato, O Cruzeiro, Revista da Semana, Klaxon, Revista Verde, Diretrizes e jornais que marcaram fortemente a história da imprensa no Brasil, como A Noite, Correio Paulistano, A Manhã e Última Hora.

Tendo em vista a quantidade de produções aqui citadas, é de suma importância ressaltarmos que embora muitos historiadores considerem a história teatral do século XIX, dada como arrematada, explorada e desenvolvida, podemos comprovar que esse fato talvez esteja equivocado, essa contraposição a essa opinião, a essa perspectiva, é colocada pelo fato das vastas produções acerca do teatro, que por consequência da falta de manuseios das mesmas ainda seguem por não serem sondadas. Então, afirmo que a história teatral brasileira, mas especialmente do século XIX, é uma fonte essencial de saber, que permite que pesquisadores se situem na sociedade da época e assim possam entender de uma maneira ainda mais precisa os grupos sociais, políticos, as formas de organizações vigentes naquele momento, podendo ser perscrutada ainda mais.

## **2. SURGIMENTO DO TEATRO NO BRASIL**

Sem dúvidas o primeiro contato da sociedade brasileira com o teatro, caminha lado a

lado com 22 de abril de 1522, data vinculada à então “descoberta” do Brasil.

Após se firmarem em solo brasileiro, os portugueses buscaram de distintas maneiras formas de dominação e manipulação da população indígena aqui presente, do povo ‘nativo. E assim o teatro se torna peça fundamental nesse processo, sendo utilizado com o objetivo principal de converter os grupos indígenas ao cristianismo, ou em palavras mais conhecidas, a tentativa de catequização. Essa forma de teatro ficou conhecida como o teatro de catequese, tendo como um dos principais líderes desse movimento, o jesuíta, padre Anchieta.

### **3. EVOLUÇÃO DO TEATRO NO BRASIL**

Um dos fatos marcantes para a cena cultural brasileira trata-se da vinda, no final do ano de 1807, de dom João VI e sua família ao território brasileiro, buscando esquivar-se dos conflitos com Napoleão Bonaparte na Europa.

Através desse fato, a nobreza portuguesa busca maneiras de entretenimento e lazer para contemplar a sua estadia, trazendo consigo os mais diversos artistas, inseridos nas artes plásticas, musicais, na dança e no teatro. Por consequência, o mesmo estabelece uma norma, um decreto para que haja a criação, construção de teatros para atender as necessidades da nova classe que se fixava na sociedade, é nesse momento que as peças francesas, o modelo de exibição francês, que mesmo não atendendo às características culturais, de costumes da sociedade brasileira, era exibido para diversão da aristocracia portuguesa. Uma obra marcante e renomada exibida durante a primeira metade do século XIX, encenada em 1838 para comprovar esse fato, foi Antônio José ou o poeta e a inquisição, de Gonçalves de Magalhães, contando também com um dos maiores nomes do teatro brasileiro, o ator natural da cidade do Rio de Janeiro, João Caetano (1808-1863).

Podemos destacar ainda, que neste período de expansão do teatro no Brasil oitocentista, surgem também peças nomeadas como comédias de costumes, que em seu contexto se baseavam no humor e em sátiras, as quais abordavam os costumes e comportamentos sociais, com personagens caricatos. Um nome ganha destaque dentro desse grupo, trata-se de Martins Pena (1815-1848), responsável por algumas peças de destaque, como “O juiz de paz da roça” (1838), “O inglês maquinista” (1845) e “O noviço” (1845).

### **4. EXPONDO OS CONSTRUTORES**

José Ricardo Pires de Almeida foi um médico que nasceu no dia 07 de dezembro de

1843, no Rio de Janeiro. Era filho de Joaquim Pires Garcia de Almeida e de Maria Luiza Pires. Realizou três anos de Direito em São Paulo e formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1855 Pires de Almeida foi nomeado para o cargo de chefe do arquivo da Secretaria da Câmara Municipal, permanecendo nesta função por mais de três décadas. Foi atuando nesta instituição que Pires de Almeida teve um contato com documentos históricos. A partir daí, publicou duas obras de cunho histórico: “D. João VI Rei de Portugal e dos Algarves e Imperador Titular do Brazil: Elogio Historico”; “D. Pedro I, fundador do Império do Brazil, elogio histórico”.

Em 1889 foi concedido a Pires de Almeida "a commenda da Ordem da Rosa, por serviços prestados ás letras" (“A Provincia do Espirito Santo”, 1889). Fez parte da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. Na revista da mesma, o seu nome aparece no ano de 1889 como terceiro secretário da instituição e, nos anos de 1891-1893, na lista de "sócios contribuintes”. Fez parte da Inspetoria de higiene, e foi nomeado comissário vacinador nas freguesias de Inhaúma, Jacarepaguá e Irajá. Ele também foi membro do IHGB. Mesmo tendo sua formação especificamente na área da medicina, Pires de Almeida publicou obras dos mais diversos gêneros literários. Sua produção é muito extensa, abrangendo formas como os livros, partituras, poesias, peças de teatro, artigos científicos, artigos sobre história do Brasil, folhetins. Colaborou em diversos jornais do Rio de Janeiro, como: “A Mãe de Família. Jornal scientifico, litterario e illustrado”; “A Estação. Jornal illustrado para a família”; “Brazil illustrado. Archivo de conhecimentos uteis”; “Diario de Noticias”, entre outros. No gênero teatral, escreveu: A educação, A Festa dos Crânios (1882), A liberdade, Amor... e lágrimas, João Brandão (1876), Mártires da liberdade, O Coração e a Espada (1870), O Filho do Erro, O mulato, O tráfico, Os Espinhos de uma Flor, Páscoa, Primor e penhor, Retrato à Bico de Pena (1869), Sete de Setembro, Tempestade do coração, Tiradentes (1861), além de diversas obras na área da medicina. Entre estas, escreveu o “Guia da Mulher Pejada” (1884). Pires de Almeida que, com uma formação específica, atuou em muitos campos do conhecimento e falou para diversos públicos, sejam eles compostos por sujeitos do seu campo profissional, ou mesmo para outras audiências, como as mulheres e os trabalhadores. É essa capacidade de Pires de Almeida de conseguir traduzir o conhecimento científico para distintos públicos que faz dele um intelectual mediador e um vulgarizador das ciências.

## **5. ENTRETENHA-OS ANTES QUE VEJAM**

A peça teatral casamento a pão, está vinculada ao gênero da comédia, a mesma foi

apresentada mais especificamente no dia 21 de abril de 1792, pela primeira vez, pelo Francês Coquelin Ainé, tendo essa data também como marco importante para a sociedade brasileira, pelo fato da morte de "Joaquim José da Silva Xavier, também conhecido pelo apelido de "Tiradentes", essa semelhança entre a data de apresentação pode ser entendida também como uma tentativa governamental de desviar o foco para seus feitos, visando fazer com que a sociedade não se preocupasse com o "bode expiatório pela Coroa Portuguesa. Ele foi enforcado na manhã de 21 de abril de 1792, na cidade do Rio de Janeiro. Em seguida, teve o corpo esquartejado em quatro partes e espalhado pela estrada de acesso a Ouro Preto. Sua cabeça foi exibida em uma estaca colocada na praça central da cidade. A condenação de Tiradentes foi utilizada como demonstração de força da Coroa para evitar que futuras rebeliões acontecessem.

A exibição da peça no mesmo dia e na mesma noite serviria então como uma cortina de fumaça, para que a sociedade não pudesse ver os feitos da monarquia.

## **6. MOLIÈRE, CASAMENTO FORÇADO**

A comédia casamento a páo, trata-se de uma adaptação do Dr. Pires de Almeida, da obra de Molière, "O casamento forçado", a qual foi representada pela primeira vez em 1664, em Paris. Molière já tinha ganho prestígio com representações de tragédias, mas alcançou grande consagração quando optou pela comédia. Percebendo o seu talento para a farsa de costumes e para provocar o riso e, por meio deste, despertar reflexões críticas sobre a vida social, Molière foi pouco a pouco descartando-se dos papéis trágicos e assumindo a comédia. Molière nasceu em 15 de janeiro de 1622 na cidade de Paris (França). Com 18 anos, em conjunto com 9 colegas, formam uma trupe de teatro. Esse grupo passou a fazer pequenas apresentações.

Em 1643, desafiando as expectativas da família, Molière abandonou a carreira de advogado para seguir a paixão pelo teatro. Ele juntou forças com a família Bejart para formar o "Illuspâtre Théâtre", assumindo o nome artístico de Molière. O "Illustre Théâtre" infelizmente passou por dificuldades financeiras, levando à prisão de Molière por dívidas em 1645. Após sua libertação, a trupe se desfez.

Entre 1645 e 1658 viajou por várias províncias francesas fazendo apresentações. Sua vida neste período foi bem precária. Foi apenas em 1658 que Molière e seu grupo de teatro passaram a fazer sucesso. Neste ano, se apresentou no Louvre para o rei Luís XIV. A partir deste momento, sua carreira foi de sucesso. Em 1662, casou com a atriz francesa Armande Béjart.

Em função do realismo e do tom cômico de suas obras, Molière recebeu, durante grande parte

de sua vida artística, protestos, perseguições e até ameaças. Esta oposição vinha, principalmente, dos setores mais conservadores da sociedade (alta sociedade, Igreja, políticos) incomodados com as temáticas das obras de Molière. Molière faleceu em Paris, em 17 de fevereiro de 1673, aos 51 anos. A causa de sua morte foi a doença pulmonar tuberculose.

## 7. “CASAMENTO A PÁO”

A peça teatral aqui analisada conta com os uma vasta quantidade de personagens os quais postarei na próxima linha: Esganarello, um velho; Jeronymo, outro velho; Dorimena, noiva de Esganarello; Alcantor, pai de Dorimena; Alcides; Espachino; Pancrácio; doutor Aristoteliciano; Marphurius; Dr. Pyrrhoniano. - Duas ciganas. - Um pagem. A mesma está dividida em um ato somente, a trama se passa a partir do simples esboço de um tema cômico, com uma consulta sobre os prazeres e os perigos do casamento, por parte do personagem principal Esganarello.

Esganarello no auge dos seus 52 anos decide por se casar e já escolheu sua noiva, a jovem Dorimena, no entanto mesmo tendo certeza sobre o casamento Esganarello pede conselhos ao seu amigo Jeronymo, que acaba discordando totalmente da visão do amigo, e lhe aconselha a não seguir este caminho, pois já viveu tanto tempo sozinho, e agora chegando aos 53 anos de idade quer se casar, assim estaria procurando problema, como o próprio Jeronymo cita. No entanto Esganarello não muda de ideia, e solicita total apoio de seu amigo. Ao enfim bater o pé em relação ao casório, o mais novo noivo da cidade encontra sua amada noiva, a qual lhe fala as condições para que o evento ocorresse, solicitava que ele aceitasse suas saídas a festas, bares, teatros e restaurantes, sem nenhuma companhia, sozinha. Com a aceitação dos termos, ela sempre cuidaria e amaria-o da mesma forma, fazendo de tudo para lhe agradar, mas se ele viesse a ser contrário às suas vontades, ela iria fazer igual com ele.

No entanto Esganarello começa a achar suspeito essas vontades de sua amada, pois o mesmo não via com bons olhos que mulheres casadas se dispunham a sair sozinhas, para locais com outros homens. Sendo possível assim ele ser “chifrado” e ficaria com a cabeça doendo, deste modo ele vai em busca de conselhos de pessoas estudiosas, especialistas que possam ajudar. Primeiro vai em busca de seus dois vizinhos que são filósofos, mas completamente doidos, os quais não levam o pobre coitado do Esganarello a lugar algum. Ao sair da casa dos vizinhos, ele encontra duas ciganas na rua que apesar de lhe dizer que seu futuro está bagunçado, também não lhe ajudam em nada. Por fim, ele decide por então desistir do casamento. Em seguida, ao encontrar-se com o senhor Alcantor, pai de Dorimena, lhe diz que

decidiu desistir do casório, pois está com a cabeça doendo. Ao não entender o que seria a desculpa do noivo para não se casar, seu sogro lhe exige seguir adiante com o casamento, pois não deixaria sua filha passar por esta vergonha de ser prometida e depois largada. Para pôr fim ao assunto, o senhor Alcantor envia seu filho Alcides para firmar o casório de sua irmã, com Esganarello. Que ameaçando o noivo com um pau, dar-lhe a primeira paulada, o prometido então decide levar o casamento adiante. a partir daí o casal é levado para completar a união, e no fim, o pai e o irmão da jovem Dorimena, após conseguirem o casamento dos dois, agradecem por enfim se verem livres dela, já que agora ela seria responsabilidade do marido e afirmam que sim ela era uma grande biscate.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho explora o inesperado, um dos grandes projetos artísticos do século XIX, um dos espetáculos esses que vieram com apenas um objetivo, de entreter, mas que marcaram e apresentam para o leitor presente no momento atual, as características da sociedade brasileira oitocentista. Buscou-se desenvolver através desse texto até então esquecido no passado, o seu valor para construção do que foi a história do teatro brasileiro, como se reinventou ao longo da transição dos gêneros que tornavam-se frequentes nas apresentações. Entender a história social e política, que se une para formar todo o contexto da sociedade daquele momento, é entender as matrizes da sociedade.

Esse trabalho serve como matriz e objeto de espelho para que intelectuais das mais diversas áreas possam criar indagações acerca desse tema e assim explorar os mais vastos tipos de materiais disponíveis para análise, a fim de quebrar ideias de formação de temas já concluídos.

## 9. FONTES

**BRAZIL- THEATRO 1901.** Disponível em:  
<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=767034&pesq=&pagfis=1> . Acesso em: 10 de outubro de 2023.

**BRAZIL- THEATRO 1903.** Disponível em:  
<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=767034&pesq=&pagfis=0> . Acesso em: 10 de outubro de 2023.

**BRAZIL- THEATRO 1905.** Disponível em:  
<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=767034&pesq=&pagfis=0> . Acesso em: 10 de outubro de 2023.

## 10. REFERÊNCIAS

- FREYRE, G. (1977). Vida social no Brasil nos meados do século XIX (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Artenova.
- KHÉDE, Sonia Salomão. Censores de pincenê e gravata: dois movimentos da censura teatral no Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.
- ARAÚJO, Néelson de. Alguns Aspectos do Teatro no Brasil nos Séculos XVIII e XIX. Disponível em: <https://journals.ku.edu/latr/article/view/293/268> . Acesso em 10/10/2023
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL). BNDIGITAL – Hemeroteca Digital.
- JUNIOR, Luiz Americo Lisboa. Teatro Português no Brasil: do Império à Primeira República. Universidade de Lisboa Faculdade de Letras. 2020.
- MALGADI, Sábato. Panorama do Teatro Brasileiro. 6ª ed. São Paulo: Global Editora, 2004.
- GARCIA, Miliandre. A censura de costumes no Brasil: da institucionalização da censura teatral no século XIX à extinção da censura da Constituição de 1988. Rio de Janeiro. 2009

## **11. ANEXOS**

Trascrição da peça:

BRAZIL THEATRO  
CASAMENTO A PÁO  
COMEDIA EM UM ACTO,  
DE  
MOLIERE,

ACCOMMODADA Á VERNÁCULA PELO DR. PIRES DE ALMEIDA ;  
representada, pela primeira vez (1), no Rio de Janeiro, a 21 de abril de 1792, e,  
posteriormente, pelo notavel comediante francez Coquelin ainé, em uma de suas  
excursões ao Brazil. (\*)

PERSONAGENS

ESGANARELLO, velho.- JERONYMO, outro velho.- DORIMENA, noiva de Esganarello.-  
ALCANTOR, pae de Dorimena.- ALCIDAS, espachino. -PANCRACIO, doutor  
aristoteliciano. - MARPHURIUS, doutor pyrrhoniano. - Duas ciganas. - Um pagem.

(\*) Esta comedia offerece-nos a singular coincidencia de ter sido representada, entre  
nós, pela primeira vez, no proprio dia da execução do Tiradentes, e, pela ultima, dentro do  
periodo de um seculo, nos pouco dias que antecederam á amargurada banição do bisneto da  
Rainha que referendou o apparstoso justificação d'aquelle precursor da liberdade da patria  
brazileira.

Entre as medidas de character official tomadas para solemnizar tão extraordinario  
acontecimento, salientam-se as que foram exigidas pelo edital promulgado pelo presidente  
do Senado da Camera Dr. Balthazar da Silva Lisboa, convidando o pôvo a deitar luminarias  
por tres dias, esperando que ISTO SE FIZESSE SEM SER PRECISO APPLICAÇÃO DE  
PENA PARA OS RECALCITRANTES; e as providencias dadas para que não deixassem de  
sahir á rua, na tarde do tenebroso dia, os bandos de dançarinos e de mascarados, como era de  
costume nos dias festivos.

E, para que nada faltasse a todas essas demonstrações de regôzijo público, arrancadas  
aos habitantes d'esta cidade antes pelo terror, que nascidas da espontaneidade, não hesitaram  
as autoridades do tempo em encarregar ao celeberrimo porta-tbalha Manoel Luiz de  
organisar, para essa noite, uma representação dramatica, que se realisou ao ar livre, no terreno  
baldío e fronteiro ao adro da capellinha da Lapa dos Mascates, que constituia então os fundos  
da actual Igreja da Cruz dos Militares e a parte alagada pelo mar, na qual se construiu mais  
tarde, e definitivamente, a actual Igreja da Lapa dos Mercadores, e seus adélos, que vieram  
incolumes até 1865.

Para aquelle fim empavezou-se toda a. extensa área desoccupads, armando-se amplo e seguro tablado, ornamentado, para o acto especial, com cortinas de seda adamascada e sanefas de setim-Macho; estas offerecidas pelos marejantes das Indias (sic) aqui estacionados em despejo de suas embarcações (sic); e as madeiras, de espontanea offerta dos madeireiros da travessa do Paço dos Governadores e adjacencias.

D'esta prebenda desempenhou-se galhardamente o Manoel Luiz, activo administrador da Casa da Oipra dos Vivos, assim chamada para distinguil-a dos theatrinhos de bonecos que havia então; e tão intimamente se compenetrou das ordens oficialmente recebidas que, achando scanhado o unico theatro existente, para nelle se conterem os convidados, constituídos em sua mór parte de nobres e funcionarios.publicos, não hesitou, para solemnizar o grande acontecimento que fizera desapparecer da superficie da terra um inimigo do throno (sic), em restaurar, & falta de um edificio que pudesse conter tantos quantos se regbz javam com o desapparecimento de tão pernicioso elemento de desordem; em restaurar, dizia eu, os antigos usos dos autos e mysterios representados no adro das Igrejas, para que servissem de ensinamento ao pono (sic).

Effectivamente, ao passo que, á pequena distancia, na Igreja da Ordera Terceira do Carmo, celebrava-se brilhante festividade seguida de sumptuoso Te-Deum, officiado o bispo D. José Joaquim Mascarenhas Castello Branco (\*), no mesmo passo, e entre as chufas da canniha, percorria a cidade, como estylo, o bando annunciador do spectaculo, precedido do competente rufo de tambores.

Compunha-se o bando d'essa tarde de tres principaes figuras do entremez, o gracioso e dous barbas, o primeiro vestido de arlequim e os segundos enfronhados em negro camisolão burlescamente sarapintado, tendo ambos á cabeça longo chapéo afunilado.

E como do livro de Vereações e Provisões (1787-1795) da nossa Prefeitura consta a licença supra, e como estavam em grande voga, pôr esse tempo, as comedias de Molière, somos induzidos a crer que o entremez aqui representado, n'essa noite, fõra Le mariage forcé, do notavel comediographo francez; tanto mais quanto, na licença para sahida do bando, nomeando as figuras, coincidem estas exactamente com os tres principaes interlocutores da accommodação da comedia á scena portugûza, tal e qual publicámõl-a na primeira pagina do Jornal do. Commercio de 21 de abril de 1902, sob o titulo O dia de hoje.

Manoel Luiz que, como já dissemos algures, para aqui se transportára na qualidade de cabelleireiro, chegou a conquistar, por seus mexericos e alcovitices, a intimidade e protecção, não só do galanteador Vice-Rei Marquez do Lavradio, que o trouxéra de Lisboa, mas ainda, e posteriormente, as do Conde de Rezende, que o encarregou de ir á Bahia promover e activar as festividades á chegada de D. João VI áquella nova e primeira Capital da Metropole no além-mar.

Não admira, pois, que o vejâmos figurar na carta junta, que me bastaria, para produzir seus effeitos aqui, reproduzil-a por metade, isto é, na parte que interessa a Manuel Luiz, si não fora, por um lado, o seu valor como documento historico, embora de chronica puramente anecdotica, e, por outro lado, o prazer que sinto ante as velharias d'esse genero.

Antes, porém, de passar adeante, e no intuito de justificar-me d'aquella minha maneira de qualificar o Marquez de Lavradio, chamando-o de galanteador, archivarei tambem, n'estas columnas, a seguinte nota, que não perde por maliciosa.

O Marquez de Lavradio foi, na ordem chronologica, quem primeiro se interessou pelos melhoramentos materiaes do Rio de Janeiro, partindo de sun exclusiva iniciativa as proveitosas medidas tomadas principalmente para a limpeza e asseio da parte mais central e habitada da cidade, serviço que era feito a braço e enxada dos calcetas (\*); não era assim, porém, o Vice-Rei com respeito ao saneamento moral, pois, esquecendo-se por vezes do ser quem era, abusava de sua autoridade para perturbar a paz das familias, levando muitas vezes a discordia nos casaes.

Uma feita, penetrando Manuel Luiz nos aposentos particulares do Marquez, perguntou-lhe este em tom da mais cordial intimidade: - Manuel, que se diz por ahi de mim? Ao que promptamente respondeu o maneirôso profissional, accomodando ao pentendor & cabelleira de rabicho do seu illustre amo: - Diz-se que V. Ex. Limpa as ruas, mas suja as casas.

Eis, em sua integra, e com a mesma orthographia e a carla ácima alludida, com todos os promenores e notas publicadas n'0 Paiz de 15 de Julho de 1906.

1

---

<sup>1</sup>(\*) No momento da do subiu ao pulpito o prégador que, com grande applanso, disenrren sobre o seguinte thema: Não traiaes o tes Rei e Senhor, porque as ágbas de monte, on passaros do céo, e os ventos da terra rirão denunciar teu crime.

(\*) O embasamento do actual Asylo de 8. Francisco de Assis, antigo Asylo da Mendicidade, pelas condições especiaes do sólo do Aterrado reclamon prolongadas obras

Amigo Manoel Ignacio (a) - Cuidado em não mostrar à tout le monde. Já lhe tenho escripto e sempre o farei, pois sou seu amigo e tenho toda certeza e de que é meu eu vou por ora passando bem, logro muita boa saude, e soffro unicamente os incommodos de pretendentes que são menores que os de Lisboa, pois ao no fim do menos os secretarios de Estado não moram mundo e ainda que algum more mais distante, vem sempre á secretaria e ha occasião de falar-lhe.

Muito tenho lamentado aqui a sua falta para analysarmos esta Corte dos balaios e uma celebre espera que se faz todas as noites no paço até chegarem as pessoas reaes, que se compõem do principe pai (b) e seu filho (c), do infante (d), da infanta (e) casada com o infante (f) de Hespanha almirante-general, moço galante, bella figura, amigo de José Machado Pinto (g); disse que se compunham as pessoas reaes daquellas nomeadas, porque a rainha (h) não é desta sociedade, sai com um Mona (i) conhecido por V. - Condessa do Real Agrado (j), a infanta doida (k) com outra que tal, a princeza viuva (l) com a bella dama filha do Lavradio, e a Carlota (m) com toda comitiva dos pequenos, e parece que tudo anda divorcio. Vejo nos meus dias a confusão de Babel, aqui não ha ordem, tudo trabalha em contestações de autoridades; immensos almirantes, vice- almirantes, chefes de esquadra, etc. Soldo está na tinta, e com razão, pois a esquadra portugueza deve chamar-se esquadra subtil.

O estado maior é hoje estado infinito, tambem nada de soldo, só o cobram aquelles que estão em algum exercicio, mas a magistratura que tem sempre exercicio não vê real; aqui só em salitre para Carlota fazer agua fresca anda em quatro mil cruzados annnaes e o mais a proporção; bestas mil e tantas.

Vamos aos habitos, já se não querem no Rio, agora tudo é commendador, ha casaca e farda onde não cabe mais nada, são verdadeiramente taboetas de ourives, cheias de placas, finalmente é commendador um Manoel Luiz que no governo do

2

---

d'arte debaixo d'ágba; pois bem: os serviços mais penosos e arriscados foram ainda, e em os nossos dias, executados pelos galés; e isso em troca apenas de ração dupla de fumo em corda e de palhá de milho para as competentes mortalhas,

(a) Manoel Ignacio da Cunha Menezes, visconde do Rio Vermelho, senador do Imperio pela então provincia da Bahia, onde nasceu e prestou relevantes serviços á causa da independencia e na administração publica, gozando de grande prestigio e importancia em seu tempo.

(b) D. João VI.

(c) D. Pedro I.

(d) D. Miguel de Bragança..

Lavradio tocou fagote em um regimento e no teatro, e foi alcoviteiro do mesino Lavradio; e no governo do conde de Rezende era capitão de ordenanças, e o seu bôbo na ocasião de tomar o café depois de jantar, e além de commendador é brigadeiro e moço de camara e apesar de tudo ainda é empregado e dono do teatro, e em dias de beneficio ainda quando ha motim por bilhete elle apparece a dar as providencias e ouve xufa tremendissima; deste lote ha muitos commendadores que ainda vão á Alfandega ajudar os seus caixeiros a procurar fardos; tudo aquillo que se respeitava e com que se premiavam as pessoas de alta nobreza, e aquelles que se punham proximos a essas pessoas, pelos

---

(e) D. Maria Thereza..

(f) D. Pedro Carlos de Bourbon, que era sobrinho de D. Carlots, a doida, e casou- se em 1810 no Rio de Janeiro, com a infant D. Maria Thereza, contra a vontade de sua tia e sogra.

Faileceu em 1812 e com bons fundamentos ha supposição de ter sido assussinado, por ordem de D. Carlota, pelos embaraços que os inglezes, lhe crearam á pretensão ao thrôno de Hespanha.

(g) José Machado Pinto, almoxarife na Bahia.

(h) D. Maria I (a piedosa), rainha de Portugal, pelo fallecimento de seu pai D. José I em 1777, foi a primeira mulher que nesse paiz teve o sceptro real.

Era casada com D. Pedro, seu tio, e em 1º de Março de 1792 entregou a administração do reino a D. João, seu filho, por ter fallecido o primogenito D. José, em 1787, e pelo seu estado grave de alteração mental.

(i) Não podemos penetrar na accepção em que é empregado o termo, porque usavam-no, tambem, no tempo, para exprimir pessoa feia ou que andava sempre junta com outra.

(J) Não tivemos elemento para verificar a quem se refere.

(k) D. Mariana Victoria, fliha da rainha, viuva do infante de Hespanha, D. Gabriella, e mãe do infante D. Pedro Bourbon.

(l) D. Maria Francisca, viuva do principe do Brazil, D. José, herdeiro presumptivo da corda de Portugal, que falleceu, aos 27 annos, em 21 de Setembro de 1788, e irmã da rainha.

(m) D. Carlota Joaquina, infanta de Hspanha, filha de Carlos VI, foi rainha de Portugal, por ter se casado com D. João em 25 de Abril de 1785 e viveu sempre em casa separada do seu marido, tendo em sua companhia alguns filhos e o infante D. Miguel

seus relevantes serviços, está muito ridicularizado; daqui vem apparecerem immensos pasquius como o da portada casa do Sr. Manoel Luiz que vai transcripto:

Quem desejar  
Ser commendador,  
Toque fagote  
Ou seja tambor.

Entram as baronias tambem a pôr se no mesmo estado; quem me diria que eu havia vêr o Targini (n) commendador e conselheiro ! Isto já era coisa milagrosa, ser então o sr. barão, é para mim annuncio de fim do mundo, conhecendo eu em Lisboa e em que estado! Não escapou o Sr. barão de S. Lourenço e teve mais de um ;. é um delles:

Por seres ladrão  
Saiste barão,  
Teu futuro se esconde Sairás  
conde.

Depois da baronia entrou à rubricar certos papeis do erario com as suas letras B. L, sem pôr o Santos do S, teve mais um :

O bom ladrão no Calvario  
Deu cabo de Jesus-Christo; O  
bom ladrão no erario  
Dá cabo de tudo isto.

Não obstante emendar a mão accrescentando a letra-S. que lhe faltava, teve o Sr. barão outro presente:

O bem sabido ladrão  
Deu cabo de Jesus-Christo; O  
bem sabido ladrão  
Dá cabo de tudo isto.

Um Sr. Azevedo (o) que tambem é commendador da Torre e Espada do rancho dos fieis vassailos, que por amizade ao principe o acompanhava e que é já conselheiro, e que tem o mais que tudo é ser almoxarife do Paço, tambem mereceu a attenção ao respeitavel publico, e como a materia pertencia ao verbo surripio não pôde deixar de entrar o Sr. barão de S. Lourenço :

3

O Azevedo rouba o Paço O

Targini rouba o erario; E o

principe bem satisfeito

Vai caminhando ao Calvario.

Morreu o Sr. conde de Linhares (p) e durou doente unicamente tres dias, e assim devia ser, morreu do mesmo modo com que criava juntas; foi o seu medico, aquelle Dr. Bernardo que, casando com uma das senhoras da familia dos velhos e tendo um dinheirão, ainda é medico, tudo por avareza, e é verdadeiramente um Monsieur Guithotin creio que se ha de lembrar deste. doutor, que foi hospede de meu irmão e que estivemos na sua armação junto com o Matheus.

No dia do entêrro do Sr. Linhares, appareceu pregado na porta da rua um quarto de papel em ar de escripto para alugar a casa, e isto fazia com que acudisse a ver-se se era realmente signal de alugar a casa, e lia-se então :

«Amigo do principe e da Nação ...»

Os filhos assentaram que era um elogio a seu pai e deixaram o bilhete alguns dias sem reflectirem nos pontinhos, appareceu por baixo esta interrogação:

De que Nação

No mesmo dia do enterro do Sr. Linhares teve o Sr. conde de Aguiar (q) um mimoso convite e foi em meia folha de papel de Hollanda pregada na sua porta, letras muito grandes.

Creados para morrer quando morreu o Sr. Linhares estava S. A. na ilha chamada do Governador, teve grande sentimento e derramou suas lagrimas; nesse mesmo dia partiu logo para a ilha o lord Strangford (r) e eu estive com elle em um quarto no Paço, onde se chamam os officiaes empregados nas ordens, em que elle veio esperar o escaler e vi derramar immensas lagrimas e desde então não tem largado o principe nem um só dia; ainda estando S. A. na ilha mandou passar a pasta do Sr. Linhares ao Sr. conde das Galvêas, (s) e receioso que este se excusasse, escreveu-lhe um bilhete todo de sua letra, pedindo-lhe muito aquelle favor; a tanto tem chegado o principe pela sua ninia bondade.

<sup>3</sup>(n) F. Targini, visconde de S. Lourenço, foi thesoureiro-mór, director suprêmo da fazenda e do erario, que delapidou, sendo por isso preso.

(o) Acreditamos se tratar do fundador do Museu Nacional.

(p) D. Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, fez parte do primeiro ministerio organizado no Brazil, e occupou a pasta da

Fez-lhe o obsequio de aceitar, e apesar de estar tambem doente, e talvez dure pouco, com molestia de nervos e com continua febre, tudo causado pelos excessos de... comtudo, torno a repetir, apesar de molestia tem feito muitos despachos que estavam na secretaria do Sr. Linhares e pela primeira vez deu logo a luz setenta e cinco despachos e foram setenta e nove escusados, e um:

«Espere pela informação do Governador» e anda em contestações com o Sr. infante e almirante general da esquadra subtil, querendo que as nomeações dos intenden- dentes de marinha pertençam á sua secretaria e não ao infante, e nem o infante tem inergia para representar ao principe como deve, e nem este para resolver; o mesmo despacho de José Machado Pinto para almoxarife da Bahia, cujo decreto está lavrado e muito interessado pelo Machado o infante, o Galvêas tem por muitas vezes empatado na assignatura; são muitas as promoções para Ministerio de Estado; dizem que por vontade do Sr conde de Aguiar passará o Galveas para a secretaria do Linhares, e o cavalheiro Araujo (t) para a do Galvéas; dizem outros que o lord Strangford quer que seja o nosso ministro que está em Londres (n) e que este é rendido pelo Calhariz que se acha em Hespanha, e outros que não é o Calhariz quem o rende, mas sim o Sr. conde dos Arcos

(v) e que este é rendido pelo conde da Palma (x) que está no Governo de Minas Geraes; seja quem for o ministro que se larga me Sr. Strangford, que não ha de ser muito á vontade do admiro, pois é ministro de uma côrte que tem negocios a tratar, o que me espanta é ver o nuncio (y) todas as noites ferrado ao principe, só se pretende fazer alguma nova coisa sobre indulgencias parece ter já escripto muito, do que fica escripto infira o mais. Se não morre D. Rodrigo, estava Pedro Alexandrino já despachado, e eu estou bem

4

---

<sup>4</sup> marinha e fazenda, onde sua acção foi decisiva e benefica. Deve-se-lhe, em grande parte, todos os melhoramentos iniciados no seu tempo. Falleceu no Rio de Janeiro. Gozava de pouca sympathia de D. Carlota, que o tratava por Torbelino, (Torvelinho, em portuguez: ella era hespanhola), Dr. Trapalhada e Dr. Barafunda.

O Correio Braziliense criticou muito o emprego da locução poisque, que fazia este ministro nos decretos e cartas régias, por ser do francez. puisque, e não ter sido usada por classico algum.

(q) D. Fernando José de Portugal, conde de Aguiar, governou a Bahia como capitão general de 1788 até 1792, e, como vice-rei, o Rio de Janeiro de 1801 e 1806; foi encarregado da pasta do reino no primeiro ministerio.

(r) Strangford, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Inglaterra, accompanhou as cortes para o Brazil e exerceu ascendencia paternal em todos os seus negocios.

persuadido que até os decretos ficaram lavrados, e Pedro graduado em brigadeiro, o filho coronel de milicias, com o soldo. por inteiro de capitão, e uma carta régia para se cessar e ficar sem minoria alguma um Aviso que está na secretaria desse governo; D. Rodrigo tratava-o muito bem e o principe recebeu-o com muita distincção entre todos os demais, e apesar da falta de D. Rodrigo, ha de conseguir tudo porque o principe mostra mesmo desejo de despachal o Luiz da Cunha Sandes, creio brevemente irá com o seu despacho, elle consultou comsigo logo que me entregou sua carta, e eu lhe dei o parecer de que procurasse o João Ferreira S. Paio, com quem elle havia servido na junta de fazenda e que por elle conseguia tudo, e creio que se não deu mal com o meu voto, aqui lhe fiz tambem um requerimento para o irmão major, em que pede de passar, no seu mesmo posto, aggregado a um regimento de linha ou tenente coronel do seu regimento com o soldo de trinta e seis mil réis; com o Linhares não duvido houvesse de conseguir, mas o Galvêas não haverá essas graças. Hoje o ultimo dia de entrudo, coisa furiosa neste paiz e amanhã principia o tempo santo, e que bastante incommode me dá por causa dos jejurs, mas como não se ganha a bem-aventurança sem mortificações, que remedio tenho sendo a cousa que todo verdadeiro Christão aspira.

5

---

(s) D. João de Almeida, conde das Galveas, substituiu, em 1810, o conde de Anadia na pasta da marinha, e serviu na metropole no cargo de ministro e secretario do Estado. D. Carlota o apellidára El Partorino. (Ou Pastorino? Dr. Pires de Almeida.) Tinha habitos desregrados e muito apreciava a inversão das leis naturaes.

<sup>5</sup> (t) Antonio de Araujo Azevedo, conde da Barca.

(u) D. Domingos de Souza Coutinho, irmão do conde de Linhares.

(v). D. Marcos de Noronha Britto, 8º conde dos Arcos, que governou a Bahia de 1810 a 1818, talvez que nenhum com mais direito ao agradecimento dos brasileiros pelos beneficios que prestou. Longo seria enumeral-os, mas basta citar a Bibliotheca Publica, Praça do Commercio, o apparecimento do jornal a Idade de Ouro e a introduccção da primeira machina a vapor, para que se aquilate o valor. intellectual desse grande espirito naquella epoca. Foi o successor do conde de Linhares.

(x) Franciseo de Assis Mascarenhas, conde da Palma, governou a Bahía de 1818 a 1822 em substiuição do conde dos Arcos e para esse governo foi transferido de Minas-Geraes. Foi trabalhador e presto algns bons serviços.

(y) D. Lourenço Calleppi, arcebispo de Nizibi, nuncio apostolico da Santa Sé.

(z) José Joaquim da Silva Freitas.

Divirta-se, coma os bellos perús ao fresco de sua varanda, que espero brevemente ter o gosto de lhe ajudar a comer um, pois, se as esperanças bem fundadas valem de alguma cousa, è isto encaminhado por um amigo que apezar do seu Placa, se lembra do seu tempo de condiscipulo e que trata a gente com muita cordialidade, posso dizer que irei despachado: esse amigo é o Freitas (2), o carcunda que foi nosso condiscipulo e é official maior do Galveas.

Viva o senhor, a sua engeitadinha e os seus commodos.

Amigo saudoso Francisco Joaquim-(zz) Rio, 11 de Fevereiro de 1812.

## SCENA I JERONYMO

### E ESGANARELLO

JERONYMO como que continuando encetado dialogos; - Ora muito bem i amigo, Esganarello queniqueira, quer não, tem você cincoental em dois) para cinquenta e tres annos.

ESGANARELLO. - Quem Eu Não pode ser.

JERONYMO. - A conta não erra. Diga me cá: a quantos annos nos conhecemos?

ESGANARELLO. -Ha vinte annos, ponco mais, pouco menos.

JERONYMO. - Quantos annos estivemos, juntos, em Roma?

ESGANARELLO. - Oito.

JERONYMO. - Quantos residio você na Inglaterra, depois que nos separámos?

ESGANARELLO. - Sete.

JERONYMO. - E na Hollanda, para onde d'alli seguio?

ESGANARELLO. - Cinco e meio.

JERONYMO. - Ha quantos para aqui voltou?

ESGANARELLO. - Em 1656.

---

(zz) Francisco Joaquim Alves Branco Muniz Barreto, magistrado,

JERONYMO. - Pois bem. (Contando pelos dedos de 56 a 68, 12, si me não engano; com 5 na Hollanda, 17; 7 na Inglaterra, 24; 8 em Roma, 32; e vinte, que tinha quando nos relacionámos, perfazem exactamente os 52, afóra os quebrados.

ESGANARELLO. - Cincoenta e dois, um rapagão d'estes? Não pode ser; torne a sommar, só Jeronymo, que ahi houve engano.

JERONYMO. -O engano que você suppõe provém do seu amôr-proprio: devo falar-lhe com a liberdade e lisura, que lhe prometti. Não o aconselho que se case, pois faria grande tolice.

ESGANARELLO.-Mas por que, homem de Deus!!..

JERONYMO. -Você bandeou de muito para a velhice; as tres melhores estações de sua idade, passaram já ; foram-se a flórida primavéra, o ardente estío, o delicioso outomno; só lhe restam as frialdades do rigoroso inverno.

ESGANARELLO.-Eu não pedi ao velho camarada que me viesse prégar sermão. Quem lh'o encommendou, que lh'o pague.

JERONYMO.-Bem sei que essas verdades não agradam; devo, porém, desenganal-o, como bom amigo que me prézo de ser. O matrimonio, seu Esganarello, é uma carga muito pesada, e suas forças acham-se já demasiado debeis para aguentar tamanho peso; patrimonio exclusivo dos môços), não se prolonga á velhice; os nossos cabellos brancos devem ambicionar outros respeitos, aspirar considerações outras, que não as ternuras e as denguices de amor.

ESGANARELLO. Não basta tudo isso para dissuadir-me: sinto me vigoroso e me posso prometter a duração sede muitos annos.

JERONYMO. -Tome meu conselho: não case, não queira converter-se em verdugo de si mesmo; si até agora viveu livre, e desembaraçado, não procure morrer escravo e atado; não tróque a quietação pelo desassocêgo; olhe que só por morte se parte o élo dessa cadeia com que vae, para sempre, prender-se.

ESGANARELLO. -Não me importam os seus conselhos: resolvi casar-me, -hei de casar.

JERONYMO. -Isso agora é outro cantar; case em bôa paz e que lhe faça muito bom proveito.

ESGANARELLO. -Hei de, casar, insisto. Quem me aconselha o contrário, está picado de inveja.

JERONYMO. -Case; case; mas si você se havia de escandalisado meu voto, para que me fez prometter que lhe falasse com toda a franqueza?

ESGANARELLO: Hei de casar, estou firmissimo nesta resolução.

JERONYMO. -Faz bem, -mostra com isso muito juízo.

ESGANARELLO, — Diga me cá: parece-lhe bem que eu falte a minha palavra? Falemos como bons íntimos, aqui, que ninguém nos ouve. Por outro lado, tão feia e indecente figura sou eu, que não ache por ahí quem goste, de mim ?

JERONYMO.-Ou, se ha de achar! Você é um brinco! Parece um mocetão.

ESGANARELLO. Mocetão, não direi; mas um rapagão desempennado, isso me declaro. Não nos preocupémos com os annos que poderei ter, para ponderarmos tão sómente nas qualidades, que visivelmente possúo e exhibo; veja si qualquer rapaz de vinte annos se move com mais agilidade do que eu, — veja só; de resto, reconheço-me bem feito de corpo, vantajosamente proporcionado, rôsto sympathico, feições miudas...

JERONYMO. A respeito de gentileza, não ha tirar-lhe, nem pôr-lhe.

ESGANARELLO.-Eis o que é manifestar-se como bom amigo; si você o não fora, não me havia de falar com tanta sinceridade.

JERONYMO.. Vmcê tudo merece pelo seu bom modo.

ESGANARELLO.-Obrigado. Demais, si eu não casar, acabará, commigo, a illustre e antiquissima raça dos Esganarellos.

JERONYMO. Certamente; e traria isso grande damno á humanidade. Case, case, meu caro amigo Esganarello.

ESGANARELLO. Dá-me então esse conselho; não é assim?

JERONYMO.-Dou-lh'o; e que o realise com a maior brevidade.

ESGANARELLO.- Ainda bem! Agora, só me cabe participar-lhe que a minha futura esposa é a formosa Dorimena.

JERONYMO.-Dorimena! A filha do senhor Alcantor! e irmã de um tal Alcidas que arrota de valentão ?!...

ESGANARELLO.-Essa mesma. E que lhe parece?

JERONYMO, á parte:-Coitadinho!

ESGANARELLO.-Então, que diz ?

JERONYMO.-Digo que faz um excellente casamento;vdepressa, não perca tão boa occasião e tão bom partido.

ESGANARELLO.-Tive bom gusto?

JERONYMO.-Fica muito bem aquinhoado, é um pancadão!

ESGANARELLO. N'esse caso não sou nenhum tôlo! como disse ha pouco ?

JERONYMO. Qual o que? Case, hoje mesmo, si puder.

ESGANARELLO. -Ora, graças a Deus que cahio devéras na rasão! Dar-me-ha a honra de assistir, esta noite, aos meus despôorios; sim?

JERONYMO. Não faltarei. E para melhor receber a honra que me offerece, irei... mascarado. Até logo.

ESGANARELLO.-Penhoradissimo... Seu seu criado.

JERONYMO sahindo; comsigo mesmo: - Ora, casa a filha do senhor Alcantor com o meu amigo Esganarello, que só conta cincoenta e dous annos de idade! Que casamento supimpa! (Desapparece, repetindo a phrase.)

## SCENA II ESGANARELLO,

### DORIMENA e o PAGEM

DORIMENA, áparteando o Pugem: - Suspende bem a cauda desse vestido... E deixa-te de brincadeiras; ouves?

ESGANARELLO, comsigo:-(Excellentemente casamento faço, não tem dúvida! Sou o homem mais feliz d'este mundo... (Deparando-a; em áparte :) Mas, que encanto, que dengue! Onde ides, adoravel esposa futura do vosso futuro espôso?

DORIMENA.- Vou ao logista fazer algumas compras, que me são necessarias.

ESGANARELLO. -Interessantissima gorduchinha, estaes satisfeita com o consorte que a sorte vos deparou ?

DORIMENA. Sim; porque espero achar, n'este enlace, todos aquelles mesmos carinhos que sempre experimentei na vossa sincera amizade.

ESGANARELLO. -Sim, sim, querido anjo; na minha companhia encontrareis o descanso que tanto Almejaes.

DORIMENA. E como sois um cavalheiro de altissima e esmerada educação e reconhecido galanteio, acredito que não sereis ciôso!

ESGANARELLO.- Como dizeis!

DORIMENA –Digo me dareis toda aquella liberdade que, ás suas legitimas mulheres, costumam facultar os maridos da moda.

ESGANARELLO, desapontado: - Que vindes a dizer nisso ?

DORIMENA. - Que faço tenção de viver convôsko na melhor harmonia: prometto não me embarçar com a vossa vida; de vós espero igual procedimento. Hei de jogar, visitar, ir aos circos, ás assembléas, aos theatros, aos bailes, só, ou acompanhada de um, ou de muitos cavalheiros; a pé, ou em carruagem; emfim, fazer o mesmo que fazem todas as demais senhoras, sem que vós suspeiteis da minha fidelidade. Ciumes, nada: viver como

gente de certa distinção, e de boa sociedade. E assim atravessaremos a vida na mais invejável harmonia.

ESGANARELLO. exasperando-se; á parte:-(Ai, ai, que estouro !)

DORIMENA. Que tendes?

ESGANARELLO. Nada.

DORIMENA. - Mudais de côr! Que vos afflige assim?

ESGANARELLO. Não sei que sinto na cabeça.

DORIMENA. Alguma dôr?

ESGANARELLO.- Dôr e pêso...

DORIMENA. -Ha de ser nada. Mas, faz-se tarde... E tenho tanto a que acudir... tanta cousa a comprar... Corro ao mercado... e de lá vos mandarei, meu, rico noivo, para serem pagas, as respectivas contas das despêzas que eu tiver feito. Até logo. (Sahe.)

### SCENA III

ESGANARELLO, só, matutando

ESGANARELLO. -Um! Não me cheira bem este negocio! Não gósto nada destas franquias da alta sociedade: a boa fé dos taes maridos condescendentes e tolerantes da escola moderna, é, na verdade, digna de reparo e censura. Uma mulher por festas e bailes, sem seu marido... Um! Não me cheira.

### SCENA IV

ESGANARELLO e JERONYMO

JERONYMO. Amigo Esganarello, estimei muitissimo encontral-o ainda aqui... Falei agorinha mesmo com um velho camarada meu, habilissimo ourives e joalheiro de maxima confiança, que me disse ter, para negocio, um valioso anel de diamantes; e como é já pública e notoria a noticia do seu casamento, e sabendo elle a grande amizade com que Vmcê. me distingue, pediu-me lh'o offerecesse eu á venda, promettendo dal-o baratinho. Sua noiva muito se alegrará, estou certo, com tão delicado mimo.

ESGANARELLO.- Por ora não ha pressa; vêremos, veremos mais tarde..

JERONYMO. Essa é boa! Pois Vmcê. não me disse que hoje mesmo receberia, si possível fôsse, a elegante e faceira Dorimena? Como, pois, não tem pressa do presente de nupcias?

ESGANARELLO.- Disse, mas..

JERONYMO. Mas, o que?

ESGANARELLO.- Tenho, no momento, certos escrúpulos a respeito desse casamento.

JERONYMO. -Como! Ha pouco tão resoluto, e agora já refuga !

ESGANARELLO. Antes de ir além, desejo tocar á raiz desta questão; tive a noite passada um sonho tão horrendo, que ainda não se apagou do meu espirito. E Você sabe, meu bom Jeronymo: os sonhos são como que espêlhos que reflectem ás vezes o que muito bem nos pode acontecer. Pareceu-me em alto mar, n'um návio muito grande, á mercê de agitadissimas ondas, e que...

JERONYMO. -Preciso retirar-me... Chama-me lá fora outro pequenino negocio que me embaraça de ouvil-o por mais tempo... De sonhos nada entendo, absolutamente nada, até mesmo porque nunca me appliquei á astrologia. Escute: Vmcê. tem aqui, e bem vizinhos, dous sabios philosophos, a quem póde consultar á, vontade sobre suas dúvidas; e como seguem escólas diversas, indicar-lhe-hão, á escolha, o meio têrmo a seguir. Da minha parte, estou pelo que disse e me confesso por seu criado. (Sahe.)

#### SCENA V

ESGANARELLO, só

ESGANARELLO.- Tem razão, - consultarei esses dous grandes homens sobre a incerteza em que labuto. Procurarei, em primeiro lugar, o illustradissimo Sr. Doutor Pancraccio; mas, eil-o que chega a proposito.

#### SCENA VI

ESGANARELLO e PANCRACIO

PANCRACIO, em constante alarido, e sempre voltado para o ponto d'onde sahira: Tenho dito: sub distinctione, data, concedo. Vae-te, tôlo, ignaro, que és, da sã e pura philosophia!

ESGANARELLO, comsigo:- (Vem enfadado... Má ocasião para dar conselhos...)

PANCRACIO. Não teimes, bestalhão: hei de mostrar-te no grande Aristoteles o acerto do meu asserto: formaliter, formaliter. (Aos gritos :) Pedante, vil insecto da republica das letras !

ESGANARELLO.- Agora... agora... é tempo. (Adeantando-se resoluto :) Senhor, senhor, senhor...

PANCRACIO. -Hei de provar-te com Aristoteles em punho, com Aristoteles, o philosopho dos philosophos, que (s um ignorante, um ignorantissimo, ignorantifiante e ignorantificado, declinado, em todos os casos, e conjugado por todos os modos imaginaveis: essa, que proferistes, é uma proposição condemnada pela grande maioria dos praxistas de boa nota.

ESGANARELLO. -Senhor doutor Pancraccio... (Enfadando-se :) Não ouve? O demo do homem está irritadissimo... seja lá com quem fôr... e pelo que for! Senhor doutor, sou seu criado.

PANORACIO, sem olhar sequer para Esganarello:- P'ra que te mettes a discutir elevados problemias da arte de raciocinar, si não dispões, nem ao menos, dos primeiros elementos da rasão? Nego totum. A maior é falta, a menor sophistica, e a conclusão ridicula.

ESGANARELLO. -Deixe-se disso, senhor doutor, olhe que está fóra de si.

PANCRACIO. -Distingo e distinguirei sempre: Si ex parte actus, concedo; si ex parte rei subdistingo objective seu secundum quid, concedo; precesive vel identice, ainda distingo. Formaliter, concedo; materialiter, nego. (Sempre aos gritos e olhando para o ponto d'onde sahira.)

ESGANARELLO. E' forte birra! O homem enlouqueceu.

PANCRACIO. - D'aqui ninguem me tira; hei de defender a minha opinião.

ESGANARELLO.- Senhor Pancraccio, ouça o que tenho a dizer a V. S...

PANCRACIO.- Aristoteles não podia errar. Quando per formam assimilatur corporea transfiguratio...

ESGANARELLO. -Senhor Pancraccio Aristotelico, que tem? Com quem assim se enfadou?

PANCRACIO, olhando agora para elle: -Quis es ?

ESGANARELLO. Sou eu, senhor doutor philosopho.

PANCRACIO. Oh! o meu visinho !! Sempre servus servorum tuorum.

ESGANARELLO, consigo: Amen. A colera o impede de atender-me... (A Pancrácio :) Senhor doutor, doutor....

PANCRACIO, voltando-se de novo para o lado d'onde viera: -Tão estulta proposição acha-se condenada em todos os dominios da philosophia !....

ESGANARELLO, áparte: E' preciso realmente que tenham magoado muito profundamente este pobre homem, para assim pôl-o neste estado de excitação !... (A. Panerácio:) Senhor doutor, eu...

PANORACIO. -Toto cælo, totâ viâ aberras.

ESGANARELLO.- Beijo as mãos do senhor doutor... (Aparte:) Póde xingar-me quantas vezes quizer, que eu não o entendo.

PANORACIO. Para servil-o... A's suas ordens.

ESGANARELLO, satisfeitissimo: - Ora, áfinal!

PANCRACIO, voltando-se de novo para o ponto d'onde sahira: -Besta quadrada! Sabes o erro que commetteste? Um syllogismo in Balor!

ESGANARELLO. -Valha me Deus! Senhor... Senhor Aristoteles... PANCRACIO, sem attendel-o: -Era mais facil eu estourar do que concordar com semelhante absurdo! Sustentarei a minha proposição até o ultimo pingo de tinta...

ESGANARELLO: -Poderei agora, que V. S. acaba de esgôttar o seu tinteiro...

PANORACIO, irascivel: -Sim, sustental-a-hei pugnus et calcibus, unguibus et rostro.

ESGANARELLO.-Pode chamar me os nomes feios que quizer, pois que eu não entendo patavina do que me diz...

PANCRACIO.-Stulto cum magna comitante caterva.

ESGANARELLO. Obrigado pelo favor que me faz. Mas, que tem, que tem, que tão enfadado está?

PANCRACIO.-Que hei de ter ? Estou desesperado com a petulancia de um ridiculo cientista que pretendia defender uma proposição erronea, temerária e execranda.

ESGANARELLO. Trêmo de susto! Posso saber o que era?

PANCRACIO.- Póde sim. Vmcê., sendo um pateta, e, portanto uma besta n'estas coisas, talvez apprelienda melhor, do que elle, o senso intimo da delicada questão.

ESGANARELLO.-Isso agora é lisonja: sempre obrigadissimo. Pois, que foi?

PANORACIO.-Tudo está perdido, senhor Esganarello; o mundo se acha infeccionado de uma corrupção geral; os sabios vivem confundidos com os ignorantes, que os tentam inaudita ousadia... Deviam ser punidos.

ESGANARELLO.-Acho tambem que sim... Mas, que proposição, quero dizer, que blasphemia da rasão foi essa?

ESGANARELLO.- Tenebrosa licença reina em toda parte; a alta magistratura, que foi unica e exclusivamente inventada para refrear esse estado de cousas nos paizes mais cultos, deve n'este instante achar-se fundamente envergonhada do medonho e horripilante escandalo, que passo a referir-lhe.

ESGANARELLO.-Devéras ?! Mas, então o que foi ? o que succedeu V. S. me assusta.

PANORACIO.-Adeantar semelhante heresia !...

ESGANARELLO.-Mas, diga-me V. S.: qual foi ella ?

PANCRACIO.-Pois não é um sacrilegio que clama aos céos, que desafia a colera divina, o dizer em público e razo a forma do chapéo !

ESGANARELLO.-Com effeito, isso agora se me representa blasphemia horrivel!

PANORACIO.- E Vmcê. ainda o duvída! En defendo que se deve dizer a figura, e não a fórma, de um chapéo : Provo: A forma nada mais é, que a disposição externa dos corpos animados; a figura, essa mesma exterioridade na disposição dos corpos inanimados: Atqui o chapéo est corpus inanimatum, ergo debet dicere: figura e não forma de um chapéo. Sim, ignaro, estas são as palavras formaes de Aristoteles no seu capitulo - Da qualidade; esta é a phrase por que todos os philosophos se explicam e manifestam.

ESGANARELLO.-Estou inteirado; mas deixe-se por emquanto disso, e attenda- me. Desejo ouvil-o sobre um negocio muito serio.

PANCRACIO.-Insolente! A fórma de um chapéo ! Ninguem diz tal...

ESGANARELLO.-Ora basta, senhor doutor, mem está por terra. Desejo ouvil-o...

PANCRACIO.-Bestalhão, hei de confundil-o!

ESGANARELLO.-Ora baste, senhor doutor Paneracio, socegue... Desejo consultal-o...

PANORACIO.-Atrevido! Ousa defender, perante mim, uma proposição condemnada por Aristoteles ?! Ha de desdizer se, senão...

ESGANARELLO.-Tem V. S. carradas de rasão; mas, conceda-me alguns instantes... Desejo aconselhar-me com V. S. sobre um negocio muito serio... Tenha agora a bondade de ouvir-me...

PANORACIO.-Condemnada em t ermos expressos...

ESGANARELLO.-Eis aqui o caso. Eu, senhor doutor philosopho, resolvi casar-me; a destinada esp osa   perfeita em tudo; eu a amo muito e ella tambem me ama, a mim, a mim, e muito; e porque sou assim bem correspondido, já a pedi ao pae, que m'a concedeu promptamente; mas eu... não sei que diga a V. S... Temendo aquella desgraça de que ninguem se compadece, imploro o seu conselho sobre que devo fazer... (Isto diz Esganarello passeando atraz de Pancraccio, sem que este lhe preste a minima aten a.) Que me diz, senhor doutor ?

PANCRACCIO. -Estou pelo que disse: Materialiter, nego. Mais depressa eu concordaria que sou uma cavalgada, e que Datum vacuum in rerum natura, do que proferir uma só vez a f rma de um chapéo !...

ESGANARELLO,  parte : -Forte cabeçudo! excommungado doutor Aristotelico. Já me falta a paciência:estou capaz de jogar os murros com elle... (Alto :) V. S. não pr sta aten a às pessoas de bem? Estou, ha uma hora, a dirigir-me a V. S., sem que me d  ouvidos... E' de mais !

PANCRACCIO.-Vmc . perd e, estava f ra de mim. Que pretende ?

ESGANARELLO.-Quero propôr   V. S. um caso e ouvir sua valiosa opinião sobre elle.

PANCRACCIO.-Diga lá. Mas, de que lingua se quer Vmc . valer, ou servir, para me falar?

ESGANARELLO.-De que lingua?

PANCRACCIO.-Sim.

ESGANARELLO.-E' b a essa! Da lingua que tenho na bocca. Não hei de ir pedir outra de emprestimo ao visinho, para endereçar-me a V. S.

PANCRACCIO. Não digo isso, homem de Deus! Pergunto em que idioma, linguagem, ou dialecto, pretende Vmc . expôr-me o tal caso?

ESGANARELLO.- Bom! Bom ! já percebo.

PANORACIO. Sabe latim, sabe gr go, sabe turco, arabico, chaldaico, tartaro, allem o, sueco, italiano, francez, hespanhol ?

ESGANARELLO.-Nada, nada: só falo a lingua materna.

PANORACIO.-Pois então passe para o lado de c , onde tenho a orelha vulgar e materna, que a outra só serve para ouvir as linguas mortas, scientificas e exoticas.

ESGANARELLO, comsigo :-Não ha remedio senão obedecer: sinto-me um an o deante deste pão de sciência ! (Passa para o lado opposto.) Com esta gente todas as con-

descendencias são poucas...

PANCRACIO.-Que ha? Quid vis me facere?

ESGANARELLO.-Senhor, não estou bem aqui... Não ha meio de nos entendermos...  
V. S. se expressa n'um idioma selvagem.

PANORACIO, exasperando-se: Que queres de mim, sandêu ?

ESGANARELLO.- Ah ! de V. S. que quero, sandêu? Agora comprehendí.. Venho ouvi-o sobre uma pequena difficuldade.

PANCRACIO. - Difficuldade? De philosophia, sem dúvida.

ESGANARELLO.-Eu, senhor doutor, resolvi...

PANCRACIO.-Vmcê. é realista ou nominal ? ESGANARELLO.-

Não, senhor; eu nasci nesta santa terrinha. PANCRACIO.-

Pergunto si segue a escóla moderna ou a antiga ?

ESGANARELLO.-Escóla? Eu nunca fui á escóla,-aprendi a ler e as quatro operações mesmo em casa.

PANCRACIO.-Basta,-é um pobre de espirito! Diga a dúvida que tem.

ESGANARELLO.-Eu, senhor doutor, como ia dizendo, quero tomar estado...

PANCRACIO.- Suppônhô que Vmcê. quer saber si a substancia e o accidente são vocabulos synonymos ou equívocos em relação à creatura real...

ESGANARELLO.-Não. senhor,-eu pretendo...

PANCRACIO.-Si a logica é uma arte ou uma sciencia?

ESGANARELLO, impacientando-se: - Não, senhor,- eu apenas desejo...

PANORACIO.-Si ella tem por objecto as tres funcções do espirito, ou a terceira unicamente?

ESGANARELLO.-Não, senhor,-eu desejava apenas...

PANORACIO.-Si ha, n'ella, dez categorias, ou si ha apenas uma?

ESGANARELLO.- Qual o que ! Eu precisava saber...

PANCRACIO.-Si a conclusão é da essencia do syllogismo ?

ESGANARELLO.-- Nada d'isso; não, senhor.

PANCRACIO.-Si a essencia do bem é uma appetibilidade ou uma utilidade?

ESGANARELLO.-Valha-me Deus! Não é isso; não, senhor.

PANCRACIO.- Si o bem se relaciona e alterna com o fim?

ESGANARELLO.- Quero dizer, achando-me eu... :

PANCRACIO.-Si a alma é substancia incompleta ou quinto elemento, como lhe chamava Aristoteles

ESGANARELLO. -Nada, não, senhor, -nada disso é: deixe-me falar.

PANCRACIO.-Ah! já sei: quer saber si os accidents são modos e não entidades peripatheticas?

ESGANARELLO.- Deixe-me falar, pelas chagas de Christo! ou arrebento..

PANCRACIO.-Si o fim nos póde impedir real ou intencionalmente?

ESGANARELLO.-Não, não, não!

PANCRACIO.-Si a sciencia do bem real está na capacidade ou nas conveniencias?

ESGANARELLO, no auge do desespero :-Não, não, não, não, não, não, não! com todos os diabos! Maldito philosopho, que os máos lobos o merendem e mais ás suas aristotelicas philosophias !

PANCRACIO.--Pois explique o que quer,-eu não posso adivinhar.

ESGANARELLO.-Como me hei de explicar, si V. S. me não deixa articular uma só palavra ?

PANCRACIO.-Pois eu hei de falar, porque sou homem de reconhecida idoneidade e como tal tenho direitos adquiridos.

ESGANARELLO.-O meu negocio consiste em querer casar com uma rapariga honesta, bem dotada pela natureza e bonita; amo-a muito, e seu pae já m'a concedeu ; mas, como temo que ella...

PANCRACIO.-O dom da palavra foi dado ao homem para manifestar seus pensamentos; e assim como estes são os retratos de todos os objectos e cousas, do mesmo modo as palavras são o retrato daquelles mesmos; os retratos, entretanto, differem uns dos outros, pois os pensamentos se distinguem dos objectos e das cousas que são seus originaes, quando as palavras nada mais são do que os pensamentos explicados por um signo exterior: Ergo, per signanotariorum index in verbis reproducitur cum peripateticis.

ESGANARELLO, perdendo a paciencia, tapa-lhe a bocca várias vezes, para que se cale; Pancracio, porém, prosegue incansavel: - Arre! (Comsigo:) Rebenta de uma vez, excommungado tagaréla!

PANCRACIO.- Ainda teimo em que a palavra: Estanima index, est pectoris imago, a imagem da alma e o retrato do coração. (Desapparece do palco para immediatamente apresentar-se á janella.) Sim, sim, é um espêlho que nos representa clara

e distintamente os mais occultos arcanos da noss'alma: sendo, pois, Vmcê. um animal dotado de rasão, ac per consequens tendo a faculdade de falar, por que me não explica nitidamente o seu pensamento? (Volta ao palco.)

ESGANARELLO.-Isso agora é outra cantiga; mas, como me hei de explicar si V. S. me não deixa falar!

PANCRACIO.-Pois fale.

ESGANARELLO.-Senhor, doutor, eu queria...

PANORACIO.-Com brevidade, que não posso ter demora.

ESGANARELLO.-Eu me explico em poucas palavras; senhor doutor, tendo eu resolvido...

PANCRACIO.-Estote brevis: nada de prolixidade.

ESGANARELLO. Tendo resolvido...

PANORACIO.-Atalhe a sua proposição com um apophtegma á laconiana.

ESGANARELLO.-Tendo eu resolvido ca...

PANCRACIO.- Nada de rodeios, de circumlocações, seja breve.

ESGANARELLO.-Já sei, deixe-me falar. Eu quero ca....

PANORACIO.-Evite circumstancias escuras, palavras obscuras, e phrases truncadas que corrompam o sentido da oração: clarêza, clarêza. (Torna a sair, e posta-se á janella.)

ESGANARELLO.- Deixe-me falar, endemoninhado!

PANCRACIO.-Sim, fale, que eu tambem quero falar, e com muito laconismo. Fale, fale, néscio! E' mais bocal, que o bruto que dizia a forma do chapéo !

ESGANARELLO.- Fóra, senhor doutor! V. S. está louco? Vá gritar para o inferno; deixe-me falar, ou leva-o a bréca. (Atira lhe pedras á janella; Pancraccio volta ao pro-scenio.)

PANCRACIO.-Hei de lhe provar por um syllogism baseado em argumentos in barbara, demonstrativos e concludentes, que Vmcê. não passa de uma besta quadrada, e in utroque jure, um erudito.

ESGANARELLO: Continúas, tagaréla 1.

PANCRACIO, vollando do palco: -Um lettrado, um archiperacita. ESGANARELLO.

Ainda !!..

PANCRACIO. Um cientista universal, consummado em todos os ramos de conhecimentos humanos, physicos, naturaes, moraes e politicos. (Volta.) Um sabio,

sapientissimo, per omnes modos et casus. (Suhindo) Versadissimo superlative, note bem Vmcê., em mythologia, em fabulas, em historias. (Volta) Illuminado e illuminista. Grande granimatico, rhetorico, dialecta e sophista... (Sahe, para voltar logo. Poeta excelso, mathematico, arithmetico, geometra, algebrico, optico, (Sahindo:) physico, archimanico, magico, cosmometro, architecto... (Volta.) captotrico, speculorio e especulatorio... (Sahindo) Medico, astronomico, astrologo, physionomista, metoposcopista, chiromante, geomante, e, sobretudo, philosopho e critico. (Vae-se de uma vez.)

ESGANARELLO.-Some-te, grandissimo basófiio e mais a tua fanfarronice!  
Maldita peste de taramelheiros!

#### SCENA VII

ESGANARELLO, só

ESGANARELLO.-Estou desesperado :- é preciso que procure outro doutor, mais cordato e calmo do que este. Mas, eu o vejo ir passando lá, ao fundo... (Chama :) O senhor doutor, doutor!

#### SCENA VIII

ESGANARELLO E MARPHURIUS

MARPHURIUS.-Que ordena, senhor Esganarello ?

ESGANARELLO, comsigo: (Este agora é vinho de outra pipa!) Tem melhor modo. Ao outro dei Senhoria, - a este, darei Excellencia. (Alto :) Senhor doutor, desejo consultar V. Ex. sobre certo e delicado assumpto; e, para esse effeito, vim propositalmente aqui.

MARPHURIUS.-Perdoe-me, senhor Esganarello, esse seu modo de exprimir não é correcto.

ESGANARELLO.-Por que ?

MARPHURIUS. -Porque a philosophia pyrrhonica- pyrrhoneana abomina toda a proposição decisiva. Vmcê. nunca deve formar juizo certo: Quo posito, devia dizer: parece-me que vim e não affirmar que veio.

ESGANARELLO.-Pois, senhor doutor, eu hei de dizer. parece-me, quando sei ao certo que vim!

MARPHURIUS.-Sim, senhor, deve dizer: parece-me. Tambem a mim me está parecendo que estou aqui com Vmcê., e que Vmcê. está commigo; e talvez que nenhuma

destas cousas assim seja.

ESGANARELLO.-Essa é bôa, senhor doutor! E' crível isso 1 Pois V. Ex. póde duvidar que veio e que está aqui commigo ?

MARPHURIUS.-Posso e devo duvidar. Nós outros, os philosophos pyrrhonicos, .duvidâmos de tudo. Que deu a Vmcê. a certeza de que veio, de que eu vim e de que estamos aqui ambos Póde ser que nem Vmcê., nem eu viesse, e tambem póde ser que não estejâmos aqui: tudo póde ser.

ESGANARELLO, áparte :-Este está me parecendo agora peor do que o collega: o outro é um energumeno, - este, um teimôso incredulo... (Alto:) Pois, senhor doutor, V. Ex. ha de duvidar de que eu o vêjo e de que estamos ambos falando um com o outro!

MARPHURIUS.-Sim, senhor, nós devemos duvidar de tudo..

ESGANARELLO, áparte-Que casta de philosophia será esta (Alto:) Senhor doutor, desejo casar-me, mas como receio aquella desgraça que de ninguem alcança compaixão, entende-me V. Ex. 1-quizera o seu conselho sobre o que devo resolver no presente. Que me diz, senhor doutor, parece-lhe que faço bem ?

MARPHURIUS.-Póde ser que faça.

ESGANARELLO. E diga-me: V. Ex. acha que serei bem succedido neste casamento ?

MARPHURIUS.-Póde ser que seja.

ESGANARELLO.- A minha futura tem alguma coisa, é bem prendada, bonita, mas teino que succeda...

MARPHURIUS. Não me parece impossivel, não.

ESGANARELLO.-O pae concedeu-m'a mas, eu não sei que resolva. Diga me, senhor doutor, que faria V. Ex. ?

MARPHURIUS.-Não sei.

ESGANARELLO.-Eu já dei palavra; mas, como temo esta cabeça, esta cabeça... Que me diz V. Ex. ?... Não póde succeder...?

MARPHURIUS.-Póde ser que sim.

ESGANARELLO.- Que me aconselha então que faça ?

MARPHURIUS.-O que quizer.

ESGANARELLO.-E diga-me, senhor doutor, desengane-me, desengane-me: procedo bem, ou mal?

MARPHURIUS.-Póde ser què sim, e póde ser que não. Tudo póde ser.

ESGANARELLO, áparte: - -Não ha dúvida, este é peorissimo do que o outro. (Alto :  
:) Então, em que assenta V. Ex. ?

MARPHURIUS.-Em nada.

ESGANARELLO, áparte: Gente mais incomprehensivel do que estes malditos philosophos: estou aqui ba mais de uma hora e não me foi possivel ainda arrancar do buxo d'este animal uma affirmativa. Forte mania a delle! forte pachôrra a minha! Senhor doutor, V. Ex. veja que fala com um homem abonado.

MARPHURIUS.-Póde ser que seja.

ESGANARELLO. E que, como tal, quizera de V. Ex. este consêlho. Então, que me responde Effectúo o casamento ?

MARPHURIUS.-Eu não sei.

ESGANARELLO.-Ponha-se no meu logar: faria ou não faria?

MARPHURIUS. Póde ser que sim, e póde ser que não.

ESGANARELLO. Ora, senhor doutor pyrrhónico, V. Ex. não vai por bem? (Comsigo:) Espera, philosopho de uma figa, que eu te farei mudar de toada... (Tira de um cacéte e dá-lhe.)

MARPHURIUS.-Ai ai Lai! V. M. dá-me, senhor visinho ?

ESGANARELLO.- Póde ser que dê, e póde ser que

MARPHURIUS.-Olhe que as pancadas me dóem.

ESGANARELLO.- Os philosophos pyrrhonicos não devem asseverar nada, e assim V. Ex. dir-me ha: parece que me doem, e não affirmar.

MARPHURIUS.-Aqui tenho, na pelle, as manchas perfeitamente assignaladas.

ESGANARELLO.-Tudo póde ser; nada é impossivel.

MARPHURIUS.-Vou queixar-me á justiça.

ESGANARELLO.-Póde ser que sim,-lavo as mãos.

MARPHURIUS.-Vmcê. irá para o xadrez.

ESGANARELLO.-Póde ser que não.

MARPHURIUS.-Vmcê. deu-me muita pancada.

ESGANARELLO.-Mas V. Ex. deve duvidar de tudo.

MARPHURIUS.-Hei de despicar-me desta affronta.

ESGANARELLO.- Não é cousa impossivel, tudo póde ser. Tudo é possivel, nada é impossivel...

MARPHURIUS. - Vou requerer a competente ordem de prisão.

ESGANARELLO. Bem póde ser,- eu não affirmo, nem contesto.

MARPHURIUS, sahindo: - E depois veremos.

ESGANARELLO.-V. Ex. nada póde, nem deve affirmar. Adeusinho.

MARPHURIUS.-Não seja eu quem son, si não me desforçar desta injuria. (Sahe.)

#### SCENA IX

ESGANARELLO, só

ESGANARELLO.-Fóra com a tal philosophia pyrrhonica! E' capaz de fazer desesperar um santo. Tirei-te o séstro de duvidar de tudo; mas, de que levaste muita pancada, disso,- oh!- vás tu certo. Fóra !:Quem me déra uma pessoa criteriosa que me desenganasse... Ah! distingo d'aqui duas ciganas, que se approximam... Excellente idéa! Ellas, que leem no futuro, dir-me-hão a sorte que me espera.

#### SCENA X

O mesmo e as CIGANAS

As duas ciganas egypcias entram cantando, e dansando, ao rufo dos seus pandeiros

ESGANARELLO. E como são galantes, Ola? olá ? aproximem-se.

1ª. CIGANA.-Gentil cavalheiro, quer que lhe leiamos a buenadicha? Aqui tem duas infalliveis adivinhas ao seu dispôr.

ESGANARELLO, Comsigo :- (Boa occasião de desenganar-me...). 2ª

CIGANA.-Não nos responde ? Que receia !

1ª CIGANA.-Basta estender-nos a mão... com a respectiva cruz dentro, já se sabe, e o resto correrá por nossa conta.

ESGANARELLO.-Cheguem se bem para mim... Tomem lá primeiro a espórtula... (Dá-lhes uma moeda.) Bom. Aqui têm agora a mão.

1ª CIGANA, lendo-lhe nas linhas da mão: - Sua vida está muito atrapalhada...

ESGANARELLO. Lá isso está, pois tenciono tomar estado.

2ª CIGANA.-Com uma fidalga rica e extraordinariamente bella.

ESGANARELLO.-Sim... sim... Formosíssima! 1ª

CIGANA. E de recommendavel reputação...

ESGANARELLO.-Recommendavel? Essa agora é que não entendo...

2ª CIGANA.-Queremos dizer: reputação inequívoca; pois, embora acercada de distintos cavalheiros, o cavalheiro, seu marido, terá o prazer de vê-la de todos muito... muito.

1ª CIGANA.-Muito amiga.

ESGANARELLO.-Amiga de todos !! Arreda! Ai, minha cabeça! minha cabeça! 1ª

CIGANA.-E o cavalheiro, seu marido, será realmente achacadíssimo de protuberancias...

ESGANARELLO, ameaçando as com o bengalão:-Aonde ! Fóra d'aqui, grandíssimas agoureiras !... Sim... sim... Na testa! (Sahem dansando, cantando, rufando o pandeiro.)

## SCENA XI

ESGANARELLO, só

ESGANARELLO. Desenganado, áfinal! Vou já e já desmanchar o tal casamento.. Mas, para aqui se dirige a proposito o pae da minha noiva....

## SCENA XII

ESGANARELLO E ALCANTOR

ALCANTOR.- Bons dias, meu illustre genro...

ESGANARELLO.-Servo do senhor Alcantor.

ALCANTOR.-Em procura de V. M. tenho andado toda esta manhã, sem que o pudesse encontrar. Estimo achal-o ainda aqui... Quero dar-lhe parte de como tudo se acha dispôsto para o casorio... Minha filha está n'uma impaciencia... Desejo que hoje mesmo se faça... Está prompt?

ESGANARELLO.-Olhe, senhor Alcantor, prefiro externar-lhe a verdade, e sem ambages: eu não me quero mais casar.

ALCANTOR. - Essa agora é bonita! E por que 1

muito.

casar.

ESGANARELLO.-Não lh'o posso dizer... Esta cabeça... esta cabeçu... dóe-me

ALCANTOR. -Pois esperemos tenha melhoras.

ESGANARELLO.-Qual! Isto cada vez ha de ir a peor.

ALCANTOR. E V. M. já tem essa certêza ?!

ESGANARELLO. Oh, se tenho! Eu cá me entendo... Definitivamente, não quero

ALCANTOR. O que ?.. V. M. deu a palavra de casamento á minha filha, ha de forçosamente cumpril-a.

ESGANARELLO.-Forçosamente ? Mas, se dóe-me a cabeça!

ALOANTOR-Explique-se melhor, -não o entendo.

ESGANARELLO. Não mais quero casar; tem sido muito agourado este malfadado casamento; e, sobretudo, esta cabeça, esta cabeça!

ALOANTOR.-Pois está bem, fique-se V. M. embora, que eu com brevidade aqui mando quem o ha de fazer casar á força; já que o não quer por bem, ha de querel-o por mal. Até já. (Sahe.)

### SCENA XIII

ESGANARELLO, só

ESGANARELLO. -Que entalação! Quer por força que eu queira o que não quero. Boa historia. O que resta é, ainda em cima, pregrarem commigo na Cadeia... Em todo caso, este sujeito me parece um pouco mais accommodado, do que eu pensava. Eu morro pelo casamento, mas o peor são as dôres de cabeça... Felizmente ahi vem o filho restituir-me a palavra... Entre pessoas educadas, estas questões resolvem-se sempre do melhor modo.

### SCENA XIV

ESGANARELLO; e ALCIDAS com dous florêtes á mostra e um cacête  
á sobcapa

ALCIDAS, mellifluamente :-Bom dia, meu caro senhor.

ESGANARELLO.-Muito bom dia.

ALCIDAS.-Humilde e reverente criado de Você.

ESGANARELLO.-Eu sou que o sou de Vmcê., e para o servir com todo meu coração.

ALCIDAS, sempre no mesmo tom: -Disse me meu pae, neste momento, que Você se arrependêra de casar com minha irmã, e assim venho ter com Você para lhe tomar a devida satisfação desse arrependimento, quasi repulsa. Ou me ha de deixar satisfeito com rasões justas ou ha de brigar commigo, ou ha de casar com minha irmã. Escolha destas tres cousas a que lhe parecer mais util; supponho será a de casar, -pois, não ? -sob pena de... (Apresenta-lhe os dous florêtes.) Quanto antes, não tenho tempo a perder:-escolha um dos alvitres.

ESGANARELLO.- Para que?

ALCIDAS. -O senhor pede minha irmã em casamento, sem mais nem menos, encolhe se, refuga, -e ainda pergunta para que ? E' motive por esta pequena prova de o para ficar-me agradecido por esta prova de consideração!

ESGANARELLO, áparte:-(Quer varar-me de lado a lado, e ainda chama-a pequena prova de...)

ALCIDAS. Qualquer outro cercaria este incidente de grande espalhafato, convertendo-o num verdadeiro escandalo social; nós. porém, não somos sanguinarios; a contrário, somos pessoas pacatas e cordatas, limitando-nos por isso a propôr-lhe muito cortezmente, si porventura nisso concordar, e não houver impedimento, que nos cortêmos mutua e dignamente o pescoço.

ESGANARELLO.-Não está má a cortezia....

ALCIDAS, apresentando-lhe os florêtes: -Acabemos com isto. Deixei em solução um alto negocio, que não podia interromper, tão só para vir aqui attendêl-o... Vamos com isso, lembre-se que me esperam.

ESGANARELLO.-Mas...

ALCIDAS.-Mas, o que?!

ESGANARELLO.-Senhor Alcidas, escute, eu levava em muito gosto este casamento, mas a minha cabeça... Senhor Alcidas, eu...

ALCIDAS. -Não se confunda, responda em termos: tem algum embaraço que o inhiba, com legitima causa, de tomar estado?

ESGANARELLO. -Sou extrêmadamente escrupuloso. Dorimena, sua gentil irmã, é muito bonita, bonita de mais, já me entende? e então receio ir de embrulho neste negocio; percebe ?

ALCIDAS.-Ah! essas é que são as dôres de cabeça! eu lh'as tirarei cortando o mal pela raiz: pégue neste florête; ha de aqui bater-se commigo..

ESGANARELLO.--Eu, senhor Alcidas? Além de velho, sou quebrado das virilhas; e assim, como posso bater-me?

ALCIDAS.-Si não bater-se, espanco-o. (Mostra-lhe o cacete)

ESGANARELLO.-Senhor Alcidas, eu sou muito seu amiguinho...

ALCIDAS.- Não quer Tome lá. (Dá-lhe.)

ESGANARELLO.-Tenha mão, senhor Alcidas.

ALCIDAS. Ou casa com minha irmã, ou desanco-o a pauladas.

ESGANARELLO.- Contenha-se, senhor Alcidas. Eu caso, eu caso: levo isso muito em gôsto...

ALCIDAS.-Agora, sim, senhor, sômos amigos... Venha de lá esse abraço bem apertado. O mais é historia. (Abraçam-se.)

ESGANARELLO, áparte:-(Depois que me derriou das cadeiras !...)

ALCIDAS, chamando: -Meu pae ? minha irmã ? O senhor Esganarello está promptissimo para receber Do- rimena em casamento.

ESGANARELLO, áparte :-(Que remedio tenho eu! A pulso! a páo! Ai, minha cabeça !...)

## SCENA ULTIMA

### Os mesmos e ALCANTOR E DORIMENA

ALOIDAS, desfazendo-se em mesuras: - Meu pae, não nos enganámos com o senhor Esganarello,-é um cavalheiro a toda prova. Tendo-se elle dignado rematar camarariamente este incidente, acho que deve conceder-lhe minha irmã em casamento.

ALCANTOR. -Filha, estende a mão de espôsa ao senhor Esganarello; (A Esganarello :) e já que tão anciôso a solicitou, é justo que a alcance, estendendo-lhe tambem a sua. Compete lhe d'aqui em diante zelar pelo seu comportamento, pois sobre sua cabeça recahirão as consequencias de...

ESGANARELLO -Sobre minha cabeça!! Valha-me Nossa Senhora! Que pêso!!

DORIMENA.- Vôo ardôrosa aos seus amorosos braços, pois felicissima me julgo enlaçando-me áquelle que tantos sacrificios ha feito para alcançar meu coração, e os fará, d'aqui em diante, para conserval-o. Aqui está a minha mão.

ALCIDAS.-Ande, senhor Esganarello, não se demore.

ESGANARELLO.-Ahi tem a minha.

ALCANTOR e ALCIDAS. - Muito bem ! (Estâmos alliviados d'esta carga.) Parabens e mais parabens.

ALCANTOR, comsigo:-(E aguenta-te no balanço, pois não sabes a bisca que levas...).

ESGANARELLO.-(Ai, minha cabeça !)

DORIMENA, faceiramente :- Amado espôso, estranho muito a frieza com que me trataas.

ESGANARELLO.-Illusão tua, interessante Dorimena, eu sempre te quiz muito bem, muito bem.

ALCIDAS. N'esse caso, vivam os felizes noivos!

ALCANTOR E ALCIDAS.-Vivam!..

ALCIDAS. Toca a rir, a folgar, festejando este auspiciôso consórcio. E aqui, auditório illustre, aos vossos olhos se mostra o modo com que se faz um casamento a pulso.

(Desce o panno)

#### ADVERTENCIA Á GUIA DE NOTA

A classificação, por mim dada, de fasciculo, aos dous anteriores volumes, e quiçá tambem a este, do Brazil-Theatro, classificação que parece denunciar ausencia absoluta de plano ao encetar tal genero de trabalho, deixa ver claramente o meu intento logo nos primeiros 80 d'esta publicação, que foi offerecer ao público, á semelhança do desaparecido Théâtre contemporain illustré, de Michel Lévy, livraisons mensaes, comprehendendo apenas uma peça de spectaculo, seguida de comedia em um acto, ficando isso plenamente demonstrado pelo formato escolhido, com duas columnas por pagina, e, como illustração, larga gravura ao alto de qualquer das duas composições. Esse projecto, porém, apresentando-se completamente outro, quer no primeiro volume, quer, e peiormente, no segundo, radicalmente abolio a comprehensão do vocabulo adoptado, o que, á falta de reparo, conservei no terceiro, isto é, no presente volume, para o qual aliás fixára limites, embora nos successivos, e mais amiudados fasciculos, fosse, sem interrupção de nova materia, completando as producções já encetadas, até que, uma vez integralmente reproduzidas, eu pudésse obedecer ao promettido plano. Mas, questão de temperamento apenas, não tomem a serio esta promessa, porque, agora mesmo, ao traçar estas linhas, longe de rematar no ponto competente o terceiro fasciculo, premedito amplial-o, isto é, penso em convertêl-o n'um volumôso livro, visto que, pretendo, incitado por uma bellissima gravura de Court sobre o motivo da morte de Hippolyto, augmental-o

com ella, e mais os trêchos, em portuguez, dos classicos que descreveram esse episodio em suas tragedias. Assim pois, tentado, no primeiro fasciculo, pela collectanea das differentes Castros; aguilhoado, no terceiro, pela estampa de Court; e, no segundo, forçado pelas condições especiaes a que me arrastou o estudo sobre o tragico brasileiro João Caetano e o theatro de Shakespeare, e, mais, pelo dever, que me cumpria, de dar condigna hospedagem, n'estas paginas, & primeira tragica do seculo-Sarah Bernhardt, ficou prejudicado o primitivo plano do Brazil-Theatro em proveito de maior material, material accumulado nas minhas estantes de curiosidades bibliographicas, e nas minhas gavêtas de obscuro e desvaloroso escriptor; vale todo este mal alinhavado aranzel por dizer que o Brazil-Theatro assim continuará seu caminho emquanto eu não rematar, n'elle, as publicações com tanto carinho e sacrificio iniciadas. A proposito das Castros, cumpre-me consignar que cinco apenas não me chegaram ás mãos, para tomar corpo n'este repertório dramatico: a Inês di Castro, de Pepoli (Marquez Giachimo Napoleone); publicada na Bolonha em 1855, e que fez parte do repertório da Adelaide Ristori; a Morta, drama original de Henrique Lopes de Mendonça, sobrinho do notavel escriptor A.

P. Lopes de Mendonça, representada pela primeira vez no theatro de D. Maria, em 1890; a tragedia Ignez de Castro, de Sebastião Xavier Botelho; a peça em 5 actos, em verso, Ignez de Castro, de José de Souza Monteiro; e, finalmente, a tragedia D. Maria Telles, ou a II parte de D. Ignez de Castro, que, sem mais indicação, figura na lista das comedias e tragedias que se vendiam na Loja de João Henriques, á Rua Augusta n. 1, Lisboa. Officina de Domingos Gonçalves. Anno MDCCLXXXIII; peças, ou cópias, que me proponho adquirir, embora a preço de raridade de catalogo. E bem assim a Morte de Hippolyto, de Pradon, que não figura entre as demais por não havê-la, no momento, encontrado no Mercado. -DR. PIRES DE ALMEIDA. Artistas estrangeiros que, tendo-se domiciliado no Brazil, muito concorrêram para o desenvolvimento e progresso do nosso theatro.

BRAZIL THEATRO

CASAMENTO A PÁO

COMEDIA EM UM ACTO,

DE

MOLIERE,

ACCOMMODADA Á VERNÁCULA PELO DR. PIRES DE ALMEIDA ;

representada, pela primeira vez (1), no Rio de Janeiro, a 21 de abril de 1792, e, posteriormente, pelo notavel comediante francez Coquelin ainé, em uma de suas excursões ao Brazil. (\*)

PERSONAGENS

ESGANARELLO, velho.- JERONYMO, outro velho.- DORIMENA, noiva de Esganarello.- ALCANTOR, pae de Dorimena.- ALCIDAS, espachino. -PANCRACIO, doutor aristoteliciano. - MARPHURIUS, doutor pyrrhoniano. - Duas ciganas. - Um pagem.

(\*) Esta comedia offerece-nos a singular coincidência de ter sido representada, entre nós, pela primeira vez, no proprio dia da execução do Tiradentes, e, pela ultima, dentro do periodo de um seculo, nos pouco dias que antecederam á amargurada banição do bisneto da Rainha que referendou o apparstoso justiçaumento d'aquelle precursor da liberdade da patria brasileira.

Entre as medidas de caracter official tomadas para solemnizar tão extraordinario acontecimento, salientam-se as que foram exigidas pelo edital promulgado pelo presidente do Senado da Camera Dr. Balthazar da Silva Lisboa, convidando o pôvo a deitar luminarias por tres dias, esperando que ISTO SE FIZESSE SEM SER PRECISO APPLICAÇÃO DE PENA PARA OS RECALCITRANTES; e as providencias dadas para que não deixassem de sahir á rua, na tarde do tenebroso dia, os bandos de dançarinos e de mascarados, como era de costume nos dias festivos.

E, para que nada faltasse a todas essas demonstrações de regôzijo público, arrancadas aos habitantes d'esta cidade antes pelo terror, que nascidas da espontaneidade, não hesitaram as autoridades do tempo em encarregar ao celeberrimo porta-tbalha Manoel Luiz de organizar, para essa noite, uma representação dramatica, que se realisou ao ar livre, no terreno baldio e fronteiro ao adro da capellinha da Lapa dos Mascates, que constituia então os fundos da actual Igreja da Cruz dos Militares e a parte alagada pelo mar, na qual se construiu mais tarde, e definitivamente, a actual Igreja da Lapa dos Mercadores, e seus adélos, que vieram incolumes até 1865.

Para aquelle fim empavezou-se toda a. extensa área desoccupads, armando-se amplo e seguro tablado, ornamentado, para o acto especial, com cortinas de seda adamascada e sanefas de setim-Macho; estas offerecidas pelos marejantes das Indias (sic) aqui estacionados em despejo de suas embarcações (sic); e as madeiras, de espontanea offerta dos madeireiros da travessa do Paço dos Governadores e adjacencias.

D'esta prebenda desempenhou-se galhardamente o Manoel Luiz, activo administrador da Casa da Oipra dos Vivos, assim chamada para distinguil-a dos theatrinhos de bonecos que havia então; e tão intimamente se compenetrou das ordens oficialmente recebidas que, achando scanhado o unico theatro existente, para nelle se conterem os convidados, constituídos em sua mór parte de nobres e funcionarios.publicos, não hesitou, para solemnizar o grande acontecimento que fizera desapparecer da superficie da terra um inimigo do throno (sic), em restaurar, & falta de um edificio que pudesse conter tantos quantos se regbz javam com o desapparecimento de tão pernicioso elemento de desordem; em restaurar, dizia eu, os antigos usos dos autos e mysterios representados no adro das Igrejas, para que servissem de ensinamento ao pono (sic).

Effectivamente, ao passo que, á pequena distancia, na Igreja da Ordera Terceira do Carmo, celebrava-se brilhante festividade seguida de sumptuoso Te-Deum, officiando o bispo D. José Joaquim Mascarenhas Castello Branco (\*), no mesmo passo, e entre as chufas da canniha, percorria a cidade, como estylo, o bando annunciador do espectaculo, precedido do competente rufo de tambores.

Compunha-se o bando d'essa tarde de tres principaes figuras do entremez, o gracioso e dous barbas, o primeiro vestido de arlequim e os segundos enfronhados em negro camisolão burlescamente sarapintado, tendo ambos á cabeça longo chapéo afunilado.

E como do livro de Vereações e Provisões (1787-1795) da nossa Prefeitura consta a licença supra, e como estavam em grande voga, pôr esse tempo, as comedias de Molière, somos induzidos a crer que o entremez aqui representado, n'essa noite, fõra Le mariage forcé, do notavel comediographo francez; tanto mais quanto, na licença para sahida do bando, nomeando as figuras, coincidem estas exactamente com os tres principaes interlocutores da accommodação da comedia á scena portugûza, tal e qual publicámõl-a na primeira pagina do Jornal do. Commercio de 21 de abril de 1902, sob o titulo O dia de hoje.

Manoel Luiz que, como já dissemos algures, para aqui se transportára na qualidade de cabelleireiro, chegou a conquistar, por seus mexericos e alcovitices, a intimidade e protecção, não só do galanteador Vice-Rei Marquez do Lavradio, que o trouxéra de Lisboa, mas ainda, e posteriormente, as do Conde de Rezende, que o encarregou de ir á Bahia promover e activar as festividades á chegada de D. João VI áquella nova e primeira Capital da Metropole no além-mar.

Não admira, pois, que o vejâmos figurar na carta junta, que me bastaria, para produzir seus effeitos aqui, reproduzil-a por metade, isto é, na parte que interessa a Manuel Luiz, si não fora, por um lado, o seu valor como documento historico, embora de chronica puramente anecdotica, e, por outro lado, o prazer que sinto ante as velharias d'esse genero.

Antes, porém, de passar adeante, e no intuito de justificar-me d'aquella minha maneira de qualificar o Marquez de Lavradio, chamando-o de galanteador, archivarei tambem, n'estas columnas, a seguinte nota, que não perde por maliciosa.

O Marquez de Lavradio foi, na ordem chronologica, quem primeiro se interessou pelos melhoramentos materiaes do Rio de Janeiro, partindo de sun exclusiva iniciativa as proveitosas medidas tomadas principalmente para a limpeza e asseio da parte mais central e habitada da cidade, serviço que era feito a braço e enxada dos calcetas (\*); não era assim, porém, o Vice-Rei com respeito ao saneamento moral, pois, esquecendo-se por vezes do ser quem era, abusava de sua autoridade para perturbar a paz das familias, levando muitas vezes a discordia nos casaes.

Uma feita, penetrando Manuel Luiz nos aposentos particulares do Marquez, perguntou-lhe este em tom da mais cordial intimidade: - Manuel, que se diz por ahi de mim? Ao que promptamente respondeu o maneirôso profissional, accomodando ao pentendor & cabelleira de rabicho do seu illustre amo: - Diz-se que V. Ex. Limpa as ruas, mas suja as casas.

Eis, em sua integra, e com a mesma orthographia e a carla ácima alludida, com todos os promenores e notas publicadas n'0 Paiz de 15 de Julho de 1906.

1

---

<sup>1</sup>(\*) No momento da do subiu ao pulpito o prégador que, com grande applanso, disenrren sobre o seguinte thema: Não traiaes o tes Rei e Senhor, porque as ágbas de monte,on passaros do céu, e os ventos da terra rirão denunciar teu crime.

(\*) O embasamento do actual Asylo de 8. Francisco de Assis, antigo Asylo da Mendicidade, pelas condições especiaes do sólo do Aterrado reclamon prolongadas obras

Amigo Manoel Ignacio (a) - Cuidado em não mostrar à tout le monde. Já lhe tenho escripto e sempre o farei, pois sou seu amigo e tenho toda certeza e de que é meu eu vou por ora passando bem, logro muita boa saude, e soffro unicamente os incommodos de pretendentes que são menores que os de Lisboa, pois ao no fim do menos os secretarios de Estado não moram mundo e ainda que algum more mais distante, vem sempre á secretaria e ha occasião de falar-lhe.

Muito tenho lamentado aqui a sua falta para analysarmos esta Corte dos balaios e uma celebre espera que se faz todas as noites no paço até chegarem as pessoas reaes, que se compõem do principe pai (b) e seu filho (c), do infante (d), da infanta (e) casada com o infante (f) de Hespanha almirante-general, moço galante, bella figura, amigo de José Machado Pinto (g); disse que se compunham as pessoas reaes daquellas nomeadas, porque a rainha (h) não é desta sociedade, sai com um Mona (i) conhecido por V. - Condessa do Real Agrado (j), a infanta doida (k) com outra que tal, a princeza viuva (l) com a bella dama filha do Lavradio, e a Carlota (m) com toda comitiva dos pequenos, e parece que tudo anda divorcio. Vejo nos meus dias a confusão de Babel, aqui não ha ordem, tudo trabalha em contestações de autoridades; immensos almirantes, vice- almirantes, chefes de esquadra, etc. Soldo está na tinta, e com razão, pois a esquadra portugueza deve chamar-se esquadra subtil.

O estado maior é hoje estado infinito, tambem nada de soldo, só o cobram aquelles que estão em algum exercicio, mas a magistratura que tem sempre exercicio não vê real; aqui só em salitre para Carlota fazer agua fresca anda em quatro mil cruzados annnaes e o mais a proporção; bestas mil e tantas.

Vamos aos habitos, já se não querem no Rio, agora tudo é commendador, ha casaca e farda onde não cabe mais nada, são verdadeiramente taboetas de ourives, cheias de placas, finalmente é commendador um Manoel Luiz que no governo do

2

---

d'arte debaixo d'ágba; pois bem: os serviços mais penosos e arriscados foram ainda, e em os nossos dias, executados pelos galés; e isso em troca apenas de ração dupla de fumo em corda e de palhá de milho para as competentes mortalhas,

(a) Manoel Ignacio da Cunha Menezes, visconde do Rio Vermelho, senador do Imperio pela então provincia da Bahia, onde nasceu e prestou relevantes serviços á causa da independencia e na administração publica, gozando de grande prestigio e importancia em seu tempo.

(b) D. João VI.

(c) D. Pedro I.

(d) D. Miguel de Bragança..

Lavradio tocou fagote em um regimento e no teatro, e foi alcoviteiro do mesino Lavradio; e no governo do conde de Rezende era capitão de ordenanças, e o seu bôbo na ocasião de tomar o café depois de jantar, e além de commendador é brigadeiro e moço de camara e apesar de tudo ainda é empregado e dono do teatro, e em dias de beneficio ainda quando ha motim por bilhete elle apparece a dar as providencias e ouve xufa tremendissima; deste lote ha muitos commendadores que ainda vão á Alfandega ajudar os seus caixeiros a procurar fardos; tudo aquillo que se respeitava e com que se premiavam as pessoas de alta nobreza, e aquelles que se punham proximos a essas pessoas, pelos

---

(e) D. Maria Thereza..

(f) D. Pedro Carlos de Bourbon, que era sobrinho de D. Carlots, a doida, e casou- se em 1810 no Rio de Janeiro, com a infant D. Maria Thereza, contra a vontade de sua tia e sogra.

Faileceu em 1812 e com bons fundamentos ha supposição de ter sido assussinado, por ordem de D. Carlota, pelos embaraços que os inglezes, lhe crearam á pretensão ao thrôno de Hespanha.

(g) José Machado Pinto, almoxarife na Bahia.

(h) D. Maria I (a piedosa), rainha de Portugal, pelo fallecimento de seu pai D. José I em 1777, foi a primeira mulher que nesse paiz teve o sceptro real.

Era casada com D. Pedro, seu tio, e em 1º de Março de 1792 entregou a administração do reino a D. João, seu filho, por ter fallecido o primogenito D. José, em 1787, e pelo seu estado grave de alteração mental.

(i) Não podemos penetrar na accepção em que é empregado o termo, porque usavam-no, tambem, no tempo, para exprimir pessoa feia ou que andava sempre junta com outra.

(J) Não tivemos elemento para verificar a quem se refere.

(k) D. Mariana Victoria, fliha da rainha, viuva do infante de Hespanha, D. Gabriella, e mãe do infante D. Pedro Bourbon.

(l) D. Maria Francisca, viuva do principe do Brazil, D. José, herdeiro presumptivo da corda de Portugal, que falleceu, aos 27 annos, em 21 de Setembro de 1788, e irmã da rainha.

(m) D. Carlota Joaquina, infanta de Hspanha, filha de Carlos VI, foi rainha de Portugal, por ter se casado com D. João em 25 de Abril de 1785 e viveu sempre em casa separada do seu marido, tendo em sua companhia alguns filhos e o infante D. Miguel

seus relevantes serviços, está muito ridicularizado; daqui vem apparecerem immensos pasquius como o da portada casa do Sr. Manoel Luiz que vai transcripto:

Quem desejar  
Ser commendador,  
Toque fagote  
Ou seja tambor.

Entram as baronias tambem a pôr se no mesmo estado; quem me diria que eu havia vêr o Targini (n) commendador e conselheiro ! Isto já era coisa milagrosa, ser então o sr. barão, é para mim annuncio de fim do mundo, conhecendo eu em Lisboa e em que estado! Não escapou o Sr. barão de S. Lourenço e teve mais de um ;, é um delles:

Por seres ladrão  
Saiste barão,  
Teu futuro se esconde Sairás  
conde.

Depois da baronia entrou à rubricar certos papeis do erario com as suas letras B. L, sem pôr o Santos do S, teve mais um :

O bom ladrão no Calvario  
Deu cabo de Jesus-Christo; O  
bom ladrão no erario  
Dá cabo de tudo isto.

Não obstante emendar a mão accrescentando a letra-S. que lhe faltava, teve o Sr. barão outro presente:

O bem sabido ladrão  
Deu cabo de Jesus-Christo; O  
bem sabido ladrão  
Dá cabo de tudo isto.

Um Sr. Azevedo (o) que tambem é commendador da Torre e Espada do rancho dos fieis vassailos, que por amizade ao principe o acompanhava e que é já conselheiro, e que tem o mais que tudo é ser almoxarife do Paço, tambem mereceu a attenção ao respeitavel publico, e como a materia pertencia ao verbo surripio não pôde deixar de entrar o Sr. barão de S. Lourenço :

3

O Azevedo rouba o Paço O

Targini rouba o erario; E o

principe bem satisfeito

Vai caminhando ao Calvario.

Morreu o Sr. conde de Linhares (p) e durou doente unicamente tres dias, e assim devia ser, morreu do mesmo modo com que criava juntas; foi o seu medico, aquelle Dr. Bernardo que, casando com uma das senhoras da familia dos velhos e tendo um dinheirão, ainda é medico, tudo por avareza, e é verdadeiramente um Monsieur Guithotin creio que se ha de lembrar deste. doutor, que foi hospede de meu irmão e que estivemos na sua armação junto com o Matheus.

No dia do entêrro do Sr. Linhares, appareceu pregado na porta da rua um quarto de papel em ar de escripto para alugar a casa, e isto fazia com que acudisse a ver-se se era realmente signal de alugar a casa, e lia-se então :

«Amigo do principe e da Nação ...»

Os filhos assentaram que era um elogio a seu pai e deixaram o bilhete alguns dias sem reflectirem nos pontinhos, appareceu por baixo esta interrogação:

De que Nação

No mesmo dia do enterro do Sr. Linhares teve o Sr. conde de Aguiar (q) um mimoso convite e foi em meia folha de papel de Hollanda pregada na sua porta, letras muito grandes.

Creados para morrer quando morreu o Sr. Linhares estava S. A. na ilha chamada do Governador, teve grande sentimento e derramou suas lagrimas; nesse mesmo dia partiu logo para a ilha o lord Strangford (r) e eu estive com elle em um quarto no Paço, onde se chamam os officiaes empregados nas ordens, em que elle veio esperar o escaler e vi derramar immensas lagrimas e desde então não tem largado o principe nem um só dia; ainda estando S. A. na ilha mandou passar a pasta do Sr. Linhares ao Sr. conde das Galvêas, (s) e receioso que este se excusasse, escreveu-lhe um bilhete todo de sua letra, pedindo-lhe muito aquelle favor; a tanto tem chegado o principe pela sua ninia bondade.

<sup>3</sup>(n) F. Targini, visconde de S. Lourenço, foi thesoureiro-mór, director suprêmo da fazenda e do erario, que delapidou, sendo por isso preso.

(o) Acreditamos se tratar do fundador do Museu Nacional.

(p) D. Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, fez parte do primeiro ministerio organizado no Brazil, e occupou a pasta da

Fez-lhe o obsequio de aceitar, e apesar de estar tambem doente, e talvez dure pouco, com molestia de nervos e com continua febre, tudo causado pelos excessos de... comtudo, torno a repetir, apesar de molestia tem feito muitos despachos que estavam na secretaria do Sr. Linhares e pela primeira vez deu logo a luz setenta e cinco despachos e foram setenta e nove escusados, e um:

«Espere pela informação do Governador» e anda em contestações com o Sr. infante e almirante general da esquadra subtil, querendo que as nomeações dos inten- dentes de marinha pertençam á sua secretaria e não ao infante, e nem o infante tem inergia para representar ao principe como deve, e nem este para resolver; o mesmo despacho de José Machado Pinto para almoxarife da Bahia, cujo decreto está lavrado e muito interessado pelo Machado o infante, o Galvêas tem por muitas vezes empatado na assignatura; são muitas as promoções para Ministerio de Estado; dizem que por vontade do Sr conde de Aguiar passará o Galveas para a secretaria do Linhares, e o cavalheiro Araujo (t) para a do Galvéas; dizem outros que o lord Strangford quer que seja o nosso ministro que está em Londres (n) e que este é rendido pelo Calhariz que se acha em Hespanha, e outros que não é o Calhariz quem o rende, mas sim o Sr. conde dos Arcos

(v) e que este é rendido pelo conde da Palma (x) que está no Governo de Minas Geraes; seja quem for o ministro que se larga me Sr. Strangford, que não ha de ser muito á vontade do admiro, pois é ministro de uma côrte que tem negocios a tratar, o que me espanta é ver o nuncio (y) todas as noites ferrado ao principe, só se pretende fazer alguma nova coisa sobre indulgencias parece ter já escripto muito, do que fica escripto infira o mais. Se não morre D. Rodrigo, estava Pedro Alexandrino já despachado, e eu estou bem

4

---

<sup>4</sup> marinha e fazenda, onde sua acção foi decisiva e benefica. Deve-se-lhe, em grande parte, todos os melhoramentos iniciados no seu tempo. Falleceu no Rio de Janeiro. Gozava de pouca sympathia de D. Carlota, que o tratava por Torbelino, (Torvelinho, em portuguez: ella era hespanhola), Dr. Trapalhada e Dr. Barafunda.

O Correio Braziliense criticou muito o emprego da locução poisque, que fazia este ministro nos decretos e cartas régias, por ser do francez. puisque, e não ter sido usada por classico algum.

(q) D. Fernando José de Portugal, conde de Aguiar, governou a Bahia como capitão general de 1788 até 1792, e, como vice-rei, o Rio de Janeiro de 1801 e 1806; foi encarregado da pasta do reino no primeiro ministerio.

(r) Strangford, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Inglaterra, accompanhou as cortes para o Brazil e exerceu ascendencia paternal em todos os seus negocios.

persuadido que até os decretos ficaram lavrados, e Pedro graduado em brigadeiro, o filho coronel de milicias, com o soldo. por inteiro de capitão, e uma carta régia para se cessar e ficar sem minoria alguma um Aviso que está na secretaria desse governo; D. Rodrigo tratava-o muito bem e o principe recebeu-o com muita distincção entre todos os demais, e apesar da falta de D. Rodrigo, ha de conseguir tudo porque o principe mostra mesmo desejo de despachal o Luiz da Cunha Sandes, creio brevemente irá com o seu despacho, elle consultou comsigo logo que me entregou sua carta, e eu lhe dei o parecer de que procurasse o João Ferreira S. Paio, com quem elle havia servido na junta de fazenda e que por elle conseguia tudo, e creio que se não deu mal com o meu voto, aqui lhe fiz tambem um requerimento para o irmão major, em que pede de passar, no seu mesmo posto, aggregado a um regimento de linha ou tenente coronel do seu regimento com o soldo de trinta e seis mil réis; com o Linhares não duvido houvesse de conseguir, mas o Galvêas não haverá essas graças. Hoje o ultimo dia de entrudo, coisa furiosa neste paiz e amanhã principia o tempo santo, e que bastante incommode me dá por causa dos jejurs, mas como não se ganha a bem-aventurança sem mortificações, que remedio tenho sendo a cousa que todo verdadeiro Christão aspira.

5

---

(s) D. João de Almeida, conde das Galveas, substituiu, em 1810, o conde de Anadia na pasta da marinha, e serviu na metropole no cargo de ministro e secretario do Estado. D. Carlota o apellidára El Partorino. (Ou Pastorino? Dr. Pires de Almeida.) Tinha habitos desregrados e muito apreciava a inversão das leis naturaes.

<sup>5</sup> (t) Antonio de Araujo Azevedo, conde da Barca.

(u) D. Domingos de Souza Coutinho, irmão do conde de Linhares.

(v). D. Marcos de Noronha Britto, 8º conde dos Arcos, que governou a Bahia de 1810 a 1818, talvez que nenhum com mais direito ao agradecimento dos brasileiros pelos beneficios que prestou. Longo seria enumeral-os, mas basta citar a Bibliotheca Publica, Praça do Commercio, o apparecimento do jornal a Idade de Ouro e a introduccção da primeira machina a vapor, para que se aquilate o valor. intellectual desse grande espirito naquella epoca. Foi o successor do conde de Linhares.

(x) Franciseo de Assis Mascarenhas, conde da Palma, governou a Bahía de 1818 a 1822 em substiuição do conde dos Arcos e para esse governo foi transferido de Minas-Geraes. Foi trabalhador e presto algns bons serviços.

(y) D. Lourenço Calleppi, arcebispo de Nizibi, nuncio apostolico da Santa Sé.

(z) José Joaquim da Silva Freitas.

Divirta-se, coma os bellos perús ao fresco de sua varanda, que espero brevemente ter o gosto de lhe ajudar a comer um, pois, se as esperanças bem fundadas valem de alguma cousa, è isto encaminhado por um amigo que apezar do seu Placa, se lembra do seu tempo de condiscipulo e que trata a gente com muita cordialidade, posso dizer que irei despachado: esse amigo é o Freitas (2), o carcunda que foi nosso condiscipulo e é official maior do Galveas.

Viva o senhor, a sua engeitadinha e os seus commodos.

Amigo saudoso Francisco Joaquim-(zz) Rio, 11 de Fevereiro de 1812.

## SCENA I JERONYMO

### E ESGANARELLO

JERONYMO como que continuando encetado dialogos; - Ora muito bem i amigo, Esganarello queniqueira, quer não, tem você cincoental em dois) para cincoenta e tres annos.

ESGANARELLO. - Quem Eu Não pode ser.

JERONYMO. - A conta não erra. Diga me cá: a quantos annos nos conhecemos?

ESGANARELLO. -Ha vinte annos, ponco mais, pouco menos.

JERONYMO. - Quantos annos estivemos, juntos, em Roma?

ESGANARELLO. - Oito.

JERONYMO. - Quantos residio você na Inglaterra, depois que nos separámos?

ESGANARELLO. - Sete.

JERONYMO. - E na Hollanda, para onde d'alli seguio?

ESGANARELLO. - Cinco e meio.

JERONYMO. - Ha quantos para aqui voltou?

ESGANARELLO. - Em 1656.

(zz) Francisco Joaquim Alves Branco Muniz Barreto, magistrado,

JERONYMO. - Pois bem. (Contando pelos dedos de 56 a 68, 12, si me não engano; com 5 na Hollanda, 17; 7 na Inglaterra, 24; 8 em Roma, 32; e vinte, que tinha quando nos relacionámos, perfazem exactamente os 52, afóra os quebrados.

ESGANARELLO. - Cincoenta e dois, um rapagão d'estes? Não pode ser; torne a sommar, só Jeronymo, que ahi houve engano.

JERONYMO. -O engano que você suppõe provém do seu amôr-proprio: devo falar-lhe com a liberdade e lisura, que lhe prometti. Não o aconselho que se case, pois faria grande tolice.

ESGANARELLO.-Mas por que, homem de Deus!!..

JERONYMO. -Você bandeou de muito para a velhice; as tres melhores estações de sua idade, passaram já ; foram-se a flórida primavéra, o ardente estío, o delicioso outomno; só lhe restam as frialdades do rigoroso inverno.

ESGANARELLO.-Eu não pedi ao velho camarada que me viesse prégar sermão. Quem lh'o encommendou, que lh'o pague.

JERONYMO.-Bem sei que essas verdades não agradam; devo, porém, desenganal-o, como bom amigo que me prézo de ser. O matrimonio, seu Esganarello, é uma carga muito pesada, e suas forças acham-se já demasiado debeis para aguentar tamanho peso; patrimonio exclusivo dos môços), não se prolonga á velhice; os nossos cabellos brancos devem ambicionar outros respeitos, aspirar considerações outras, que não as ternuras e as denguices de amor.

ESGANARELLO. Não basta tudo isso para dissuadir-me: sinto me vigoroso e me posso prometter a duração sede muitos annos.

JERONYMO. -Tome meu conselho: não case, não queira converter-se em verdugo de si mesmo; si até agora viveu livre, e desembaraçado, não procure morrer escravo e atado; não tróque a quietação pelo desassocêgo; olhe que só por morte se parte o élo dessa cadeia com que vae, para sempre, prender-se.

ESGANARELLO. -Não me importam os seus conselhos: resolvi casar-me, -hei de casar.

JERONYMO. -Isso agora é outro cantar; case em bôa paz e que lhe faça muito bom proveito.

ESGANARELLO. -Hei de, casar, insisto. Quem me aconselha o contrário, está picado de inveja.

JERONYMO. -Case; case; mas si você se havia de escandalisado meu voto, para que me fez prometter que lhe falasse com toda a franqueza?

ESGANARELLO: Hei de casar, estou firmissimo nesta resolução.

JERONYMO. -Faz bem, -mostra com isso muito juízo.

ESGANARELLO, — Diga me cá: parece-lhe bem que eu falte a minha palavra? Falemos como bons íntimos, aqui, que ninguém nos ouve. Por outro lado, tão feia e indecente figura sou eu, que não ache por aí quem goste, de mim ?

JERONYMO.-Ou, se ha de achar! Você é um brinco! Parece um mocetão.

ESGANARELLO. Mocetão, não direi; mas um rapagão desempennado, isso me declaro. Não nos preocupémos com os annos que poderei ter, para ponderarmos tão sómente nas qualidades, que visivelmente possúo e exhibo; veja si qualquer rapaz de vinte annos se move com mais agilidade do que eu, — veja só; de resto, reconheço-me bem feito de corpo, vantajosamente proporcionado, rôsto sympathico, feições miudas...

JERONYMO. A respeito de gentileza, não ha tirar-lhe, nem pôr-lhe.

ESGANARELLO.-Eis o que é manifestar-se como bom amigo; si você o não fora, não me havia de falar com tanta sinceridade.

JERONYMO.. Vmcê tudo merece pelo seu bom modo.

ESGANARELLO.-Obrigado. Demais, si eu não casar, acabará, commigo, a illustre e antiquíssima raça dos Esganarellos.

JERONYMO. Certamente; e traria isso grande damno á humanidade. Case, case, meu caro amigo Esganarello.

ESGANARELLO. Dá-me então esse conselho; não é assim?

JERONYMO.-Dou-lh'o; e que o realise com a maior brevidade.

ESGANARELLO.- Ainda bem! Agora, só me cabe participar-lhe que a minha futura esposa é a formosa Dorimena.

JERONYMO.-Dorimena! A filha do senhor Alcantor! e irmã de um tal Alcidas que arrota de valentão ?!...

ESGANARELLO.-Essa mesma. E que lhe parece?

JERONYMO, á parte:-Coitadinho!

ESGANARELLO.-Então, que diz ?

JERONYMO.-Digo que faz um excellente casamento;vdepressa, não perca tão boa occasião e tão bom partido.

ESGANARELLO.-Tive bom gusto?

JERONYMO.-Fica muito bem aquinhoado, é um pancadão!

ESGANARELLO. N'esse caso não sou nenhum tôlo! como disse ha pouco ?

JERONYMO. Qual o que? Case, hoje mesmo, si puder.

ESGANARELLO. -Ora, graças a Deus que cahio devéras na rasão! Dar-me-ha a honra de assistir, esta noite, aos meus despôorios; sim?

JERONYMO. Não faltarei. E para melhor receber a honra que me offerece, irei... mascarado. Até logo.

ESGANARELLO.-Penhoradissimo... Seu seu criado.

JERONYMO sahindo; comsigo mesmo: - Ora, casa a filha do senhor Alcantor com o meu amigo Esganarello, que só conta cincoenta e dous annos de idade! Que casamento supimpa! (Desapparece, repetindo a phrase.)

## SCENA II ESGANARELLO,

### DORIMENA e o PAGEM

DORIMENA, áparteando o Pugem: - Suspende bem a cauda desse vestido... E deixa-te de brincadeiras; ouves?

ESGANARELLO, comsigo:-(Excellentemente casamento faço, não tem dúvida! Sou o homem mais feliz d'este mundo... (Deparando-a; em áparte :) Mas, que encanto, que denguice ! Onde ides, adoravel esposa futura do vosso futuro espôso?

DORIMENA.- Vou ao logista fazer algumas compras, que me são necessarias.

ESGANARELLO. -Interessantissima gorduchinha, estaes satisfeita com o consorte que a sorte vos deparou ?

DORIMENA. Sim; porque espero achar, n'este enlace, todos aquelles mesmos carinhos que sempre experimentei na vossa sincera amizade.

ESGANARELLO. -Sim, sim, querido anjo; na minha companhia encontrareis o descanso que tanto Almejaes.

DORIMENA. E como sois um cavalheiro de altissima e esmerada educação e reconhecido galanteio, acredito que não sereis ciôso!

ESGANARELLO.- Como dizeis!

DORIMENA –Digo me dareis toda aquella liberdade que, ás suas legitimas mulheres, costumam facultar os maridos da moda.

ESGANARELLO, desapontado: - Que vindes a dizer nisso ?

DORIMENA. - Que faço tenção de viver comvôsko na melhor harmonia: prometto não me embarçar com a vossa vida; de vós espero igual procedimento. Hei de jogar, visitar, ir aos circos, ás assembléas, aos theatros, aos bailes, só, ou acompanhada de um, ou de muitos cavalheiros; a pé, ou em carruagem; emfim, fazer o mesmo que fazem todas as demais senhoras, sem que vós suspeiteis da minha fidelidade. Ciumes, nada: viver como

gente de certa distincção, e de bôa sociedade. E assim atravessaremos a vida na mais invejavel harmonia.

ESGANARELLO. exasperando-se; áparte:-(Ai, ai, que estouro !)

DORIMENA. Que tendes?

ESGANARELLO. Nada.

DORIMENA. - Mudais de côr! Que vos afflige assim?

ESGANARELLO. Não sei que sinto na cabeça.

DORIMENA. Alguma dôr?

ESGANARELLO.- Dôr e pêso...

DORIMENA. -Ha de ser nada. Mas, faz-se tarde... E tenho tanto a que acudir... tanta cousa a comprar... Corro ao mercado... e de lá vos mandarei, meu, rico noivo, para serem pagas, as respectivas contas das despêzas que eu tiver feito. Até logo. (Sahe.)

### SCENA III

ESGANARELLO, só, matutando

ESGANARELLO. -Um! Não me cheira bem este negocio! Não gôsto nada destas franquias da alta sociedade: a bôa fé dos taes maridos condescendentes e tolerantes da escôla moderna, é, na verdade, digna de reparo e censura. Uma mulher por festas e bailes, sem seu marido... Um! Não me cheira.

### SCENA IV

ESGANARELLO e JERONYMO

JERONYMO. Amigo Esganarello, estimei muitissimo encontral-o ainda aqui... Falei agorinha mesmo com um velho camarada meu, habilissimo ourives e joalheiro de maxima confiança, que me disse ter, para negocio, um valioso annel de diamantes; e como é já pública e notoria a noticia do seu casamento, e sabendo elle a grande amizade com que Vmcê. me distingue, pediu-me lh'o offerecesse eu á venda, promettendo dal-o baratinho. Sua noiva muito se alegrará, estou certo, com tão delicado mimo.

ESGANARELLO.- Por ora não ha pressa; vêremos, veremos mais tarde..

JERONYMO. Essa é boa! Pois Vmcê. não me disse que hoje mesmo receberia, si possível fôsse, a elegante e faceira Dorimena? Como, pois, não tem pressa do presente de nupcias?

ESGANARELLO.- Disse, mas..

JERONYMO. Mas, o que?

ESGANARELLO.- Tenho, no momento, certos escrúpulos a respeito desse casamento.

JERONYMO. -Como! Ha pouco tão resoluto, e agora já refuga !

ESGANARELLO. Antes de ir além, desejo tocar á raiz desta questão; tive a noite passada um sonho tão horrendo, que ainda não se apagou do meu espirito. E Você sabe, meu bom Jeronimo: os sonhos são como que espêlhos que reflectem ás vezes o que muito bem nos pode acontecer. Pareceu-me em alto mar, n'um návio muito grande, á mercê de agitadissimas ondas, e que...

JERONYMO. -Preciso retirar-me... Chama-me lá fora outro pequenino negocio que me embaraça de ouvil-o por mais tempo... De sonhos nada entendo, absolutamente nada, até mesmo porque nunca me appliquei á astrologia. Escute: Vmcê. tem aqui, e bem vizinhos, dous sabios philosophos, a quem póde consultar á, vontade sobre suas dúvidas; e como seguem escólas diversas, indicar-lhe-hão, á escolha, o meio têrmo a seguir. Da minha parte, estou pelo que disse e me confesso por seu criado. (Sahe.)

#### SCENA V

ESGANARELLO, só

ESGANARELLO.- Tem razão, - consultarei esses dous grandes homens sobre a incerteza em que labuto. Procurarei, em primeiro lugar, o illustradissimo Sr. Doutor Pancraccio; mas, eil-o que chega a proposito.

#### SCENA VI

ESGANARELLO e PANCRACIO

PANCRACIO, em constante alarido, e sempre voltado para o ponto d'onde sahira: Tenho dito: sub distinctione, data, concedo. Vae-te, tôlo, ignaro, que és, da sã e pura philosophia!

ESGANARELLO, comsigo:- (Vem enfadado... Má ocasião para dar conselhos...)

PANCRACIO. Não teimes, bestalhão: hei de mostrar-te no grande Aristoteles o acerto do meu asserto: formaliter, formaliter. (Aos gritos :) Pedante, vil insecto da republica das letras !

ESGANARELLO.- Agora... agora... é tempo. (Adeantando-se resolutos :) Senhor, senhor, senhor...

PANCRACIO. -Hei de provar-te com Aristoteles em punho, com Aristoteles, o philosopho dos philosophos, que (s um ignorante, um ignorantissimo, ignorantifiante e ignorantificado, declinado, em todos os casos, e conjugado por todos os modos imaginaveis: essa, que proferistes, é uma proposição condemnada pela grande maioria dos praxistas de boa nota.

ESGANARELLO. -Senhor doutor Pancraccio... (Enfadando-se :) Não ouve? O demo do homem está irritadissimo... seja lá com quem fôr... e pelo que for! Senhor doutor, sou seu criado.

PANORACIO, sem olhar sequer para Esganarello:- P'ra que te mettes a discutir elevados problemias da arte de raciocinar, si não dispões, nem ao menos, dos primeiros elementos da rasão? Nego totum. A maior é falta, a menor sophistica, e a conclusão ridicula.

ESGANARELLO. -Deixe-se disso, senhor doutor, olhe que está fóra de si.

PANCRACIO. -Distingo e distinguirei sempre: Si ex parte actus, concedo; si ex parte rei subdistingo objective seu secundum quid, concedo; precesive vel identice, ainda distingo. Formaliter, concedo; materialiter, nego. (Sempre aos gritos e olhando para o ponto d'onde sahira.)

ESGANARELLO. E' forte birra! O homem enlouqueceu.

PANCRACIO. - D'aqui ninguem me tira; hei de defender a minha opinião.

ESGANARELLO.- Senhor Pancraccio, ouça o que tenho a dizer a V. S...

PANCRACIO.- Aristoteles não podia errar. Quando per formam assimilatur corporea transfiguratio...

ESGANARELLO. -Senhor Pancraccio Aristotelico, que tem? Com quem assim se enfadou?

PANCRACIO, olhando agora para elle: -Quis es ?

ESGANARELLO. Sou eu, senhor doutor philosopho.

PANCRACIO. Oh! o meu visinho !! Sempre servus servorum tuorum.

ESGANARELLO, consigo: Amen. A colera o impede de atender-me... (A Pancrácio :) Senhor doutor, doutor....

PANCRACIO, voltando-se de novo para o lado d'onde viera: -Tão estulta proposição acha-se condenada em todos os dominios da philosophia !....

ESGANARELLO, áparte: E' preciso realmente que tenham magoado muito profundamente este pobre homem, para assim pôl-o neste estado de excitação !... (A. Panerácio:) Senhor doutor, eu...

PANORACIO. -Toto cælo, totâ viâ aberras.

ESGANARELLO.- Beijo as mãos do senhor doutor... (Aparte:) Póde xingar-me quantas vezes quizer, que eu não o entendo.

PANORACIO. Para servil-o... A's suas ordens.

ESGANARELLO, satisfeitissimo: - Ora, áfinal!

PANCRACIO, voltando-se de novo para o ponto d'onde sahira: -Besta quadrada! Sabes o erro que commetteste? Um syllogismo in Balor!

ESGANARELLO. -Valha me Deus! Senhor... Senhor Aristoteles... PANCRACIO, sem attendel-o: -Era mais facil eu estourar do que concordar com semelhante absurdo! Sustentarei a minha proposição até o ultimo pingo de tinta...

ESGANARELLO: -Poderei agora, que V. S. acaba de esgôttar o seu tinteiro...

PANORACIO, irascivel: -Sim, sustental-a-hei pugnus et calcibus, unguibus et rostro.

ESGANARELLO.-Pode chamar me os nomes feios que quizer, pois que eu não entendo patavina do que me diz...

PANCRACIO.-Stulto cum magna comitante caterva.

ESGANARELLO. Obrigado pelo favor que me faz. Mas, que tem, que tem, que tão enfadado está?

PANCRACIO.-Que hei de ter ? Estou desesperado com a petulancia de um ridiculo cientista que pretendia defender uma proposição erronea, temerária e execranda.

ESGANARELLO. Trêmo de susto! Posso saber o que era?

PANCRACIO.- Póde sim. Vmcê., sendo um pateta, e, portanto uma besta n'estas coisas, talvez apprelienda melhor, do que elle, o senso intimo da delicada questão.

ESGANARELLO.-Isso agora é lisonja: sempre obrigadissimo. Pois, que foi?

PANORACIO.-Tudo está perdido, senhor Esganarello; o mundo se acha infeccionado de uma corrupção geral; os sabios vivem confundidos com os ignorantes, que os tentam inaudita ousadia... Deviam ser punidos.

ESGANARELLO.-Acho tambem que sim... Mas, que proposição, quero dizer, que blasphemia da rasão foi essa?

ESGANARELLO.- Tenebrosa licença reina em toda parte; a alta magistratura, que foi unica e exclusivamente inventada para refrear esse estado de cousas nos paizes mais cultos, deve n'este instante achar-se fundamente envergonhada do medonho e horripilante escandalo, que passo a referir-lhe.

ESGANARELLO.-Devéras ?! Mas, então o que foi ? o que succedeu V. S. me assusta.

PANORACIO.-Adeantar semelhante heresia !...

ESGANARELLO.-Mas, diga-me V. S.: qual foi ella ?

PANCRACIO.-Pois não é um sacrilegio que clama aos céos, que desafia a colera divina, o dizer em público e razo a forma do chapéo !

ESGANARELLO.-Com effeito, isso agora se me representa blasphemia horrivel!

PANORACIO.- E Vmcê. ainda o duvída! En defendo que se deve dizer a figura, e não a fórma, de um chapéo : Provo: A forma nada mais é, que a disposição externa dos corpos animados; a figura, essa mesma exterioridade na disposição dos corpos inanimados: Atqui o chapéo est corpus inanimatum, ergo debet dicere: figura e não forma de um chapéo. Sim, ignaro, estas são as palavras formaes de Aristoteles no seu capitulo - Da qualidade; esta é a phrase por que todos os philosophos se explicam e manifestam.

ESGANARELLO.-Estou inteirado; mas deixe-se por emquanto disso, e attenda- me. Desejo ouvil-o sobre um negocio muito serio.

PANCRACIO.-Insolente! A fórma de um chapéo ! Ninguem diz tal...

ESGANARELLO.-Ora basta, senhor doutor, mem está por terra. Desejo ouvil-o...

PANCRACIO.-Bestalhão, hei de confundil-o!

ESGANARELLO.-Ora baste, senhor doutor Paneracio, socegue... Desejo consultal-o...

PANORACIO.-Atrevido! Ousa defender, perante mim, uma proposição condemnada por Aristoteles ?! Ha de desdizer se, senão...

ESGANARELLO.-Tem V. S. carradas de rasão; mas, conceda-me alguns instantes... Desejo aconselhar-me com V. S. sobre um negocio muito serio... Tenha agora a bondade de ouvir-me...

PANORACIO.-Condemnada em t ermos expressos...

ESGANARELLO.-Eis aqui o caso. Eu, senhor doutor philosopho, resolvi casar-me; a destinada esp osa   perfeita em tudo; eu a amo muito e ella tambem me ama, a mim, a mim, e muito; e porque sou assim bem correspondido, j a a pedi ao pae, que m'a concedeu promptamente; mas eu... não sei que diga a V. S... Temendo aquella desgraça de que ninguem se compadece, imploro o seu conselho sobre que devo fazer... (Isto diz Esganarello passeando atraz de Pancraccio, sem que este lhe preste a minima aten a.) Que me diz, senhor doutor ?

PANCRACCIO. -Estou pelo que disse: Materialiter, nego. Mais depressa eu concordaria que sou uma cavalgada, e que Datum vacuum in rerum natura, do que proferir uma são vez a f rma de um chapéo !...

ESGANARELLO,  parte : -Forte cabeçudo! excommungado doutor Aristotelico. J a me falta a paciencia:estou capaz de jogar os murros com elle... (Alto :) V. S. não pr sta aten a às pessoas de bem? Estou, ha uma hora, a dirigir-me a V. S., sem que me d e ouvidos... E' de mais !

PANCRACCIO.-Vmc . perd e, estava f ra de mim. Que pretende ?

ESGANARELLO.-Quero propôr   V. S. um caso e ouvir sua valiosa opinião sobre elle.

PANCRACCIO.-Diga lá. Mas, de que lingua se quer Vmc . valer, ou servir, para me falar?

ESGANARELLO.-De que lingua?

PANCRACCIO.-Sim.

ESGANARELLO.-E' b a essa! Da lingua que tenho na bocca. Não hei de ir pedir outra de emprestimo ao visinho, para endere ar-me a V. S.

PANCRACCIO. Não digo isso, homem de Deus! Pergunto em que idioma, linguagem, ou dialecto, pretende Vmc . exp r-me o tal caso?

ESGANARELLO.- Bom! Bom ! j a percebo.

PANORACIO. Sabe latim, sabe gr ego, sabe turco, arabico, chaldaico, tartaro, allem o, sueco, italiano, francez, hespanhol ?

ESGANARELLO.-Nada, nada: são falo a lingua materna.

PANORACIO.-Pois então passe para o lado de c , onde tenho a orelha vulgar e materna, que a outra são serve para ouvir as linguas mortas, scientificas e exoticas.

ESGANARELLO, comsigo :-Não ha remedio senão obedecer: sinto-me um an o deante deste pão de sciencia ! (Passa para o lado opposto.) Com esta gente todas as con-

descendencias são poucas...

PANCRACIO.-Que ha? Quid vis me facere?

ESGANARELLO.-Senhor, não estou bem aqui... Não ha meio de nos entendermos...  
V. S. se expressa n'um idioma selvagem.

PANORACIO, exasperando-se: Que queres de mim, sandêu ?

ESGANARELLO.- Ah ! de V. S. que quero, sandêu? Agora comprehendí.. Venho ouvi-o sobre uma pequena difficuldade.

PANCRACIO. - Difficuldade? De philosophia, sem dúvida.

ESGANARELLO.-Eu, senhor doutor, resolvi...

PANCRACIO.-Vmcê. é realista ou nominal ? ESGANARELLO.-

Não, senhor; eu nasci nesta santa terrinha. PANCRACIO.-

Pergunto si segue a escóla moderna ou a antiga ?

ESGANARELLO.-Escóla? Eu nunca fui á escóla,-aprendi a ler e as quatro operações mesmo em casa.

PANCRACIO.-Basta,-é um pobre de espirito! Diga a dúvida que tem.

ESGANARELLO.-Eu, senhor doutor, como ia dizendo, quero tomar estado...

PANCRACIO.- Suppônhô que Vmcê. quer saber si a substancia e o accidente são vocabulos synonymos ou equívocos em relação à creatura real...

ESGANARELLO.-Não. senhor,-eu pretendo...

PANCRACIO.-Si a logica é uma arte ou uma sciencia?

ESGANARELLO, impacientando-se: - Não, senhor,- eu apenas desejo...

PANORACIO.-Si ella tem por objecto as tres funcções do espirito, ou a terceira unicamente?

ESGANARELLO.-Não, senhor,-eu desejava apenas...

PANORACIO.-Si ha, n'ella, dez categorias, ou si ha apenas uma?

ESGANARELLO.- Qual o que ! Eu precisava saber...

PANCRACIO.-Si a conclusão é da essencia do syllogismo ?

ESGANARELLO.-- Nada d'isso; não, senhor.

PANCRACIO.-Si a essencia do bem é uma appetibilidade ou uma utilidade?

ESGANARELLO.-Valha-me Deus! Não é isso; não, senhor.

PANCRACIO.- Si o bem se relaciona e alterna com o fim?

ESGANARELLO.- Quero dizer, achando-me eu... :

PANCRACIO.-Si a alma é substancia incompleta ou quinto elemento, como lhe chamava Aristoteles

ESGANARELLO. -Nada, não, senhor, -nada disso é: deixe-me falar.

PANCRACIO.-Ah! já sei: quer saber si os accidents são modos e não entidades peripatheticas?

ESGANARELLO.- Deixe-me falar, pelas chagas de Christo! ou arrebento..

PANCRACIO.-Si o fim nos póde impedir real ou intencionalmente?

ESGANARELLO.-Não, não, não!

PANCRACIO.-Si a sciencia do bem real está na capacidade ou nas conveniencias?

ESGANARELLO, no auge do desespero :-Não, não, não, não, não, não, não! com todos os diabos! Maldito philosopho, que os máos lobos o merendem e mais ás suas aristotelicas philosophias !

PANCRACIO.--Pois explique o que quer,-eu não posso adivinhar.

ESGANARELLO.-Como me hei de explicar, si V. S. me não deixa articular uma só palavra ?

PANCRACIO.-Pois eu hei de falar, porque sou homem de reconhecida idoneidade e como tal tenho direitos adquiridos.

ESGANARELLO.-O meu negocio consiste em querer casar com uma rapariga honesta, bem dotada pela natureza e bonita; amo-a muito, e seu pae já m'a concedeu ; mas, como temo que ella...

PANCRACIO.-O dom da palavra foi dado ao homem para manifestar seus pensamentos; e assim como estes são os retratos de todos os objectos e cousas, do mesmo modo as palavras são o retrato daquelles mesmos; os retratos, entretanto, differem uns dos outros, pois os pensamentos se distinguem dos objectos e das cousas que são seus originaes, quando as palavras nada mais são do que os pensamentos explicados por um signo exterior: Ergo, per signanotariorum index in verbis reproducitur cum peripateticis.

ESGANARELLO, perdendo a paciencia, tapa-lhe a bocca várias vezes, para que se cale; Pancraccio, porém, prosegue incansavel: - Arre! (Comsigo:) Rebenta de uma vez, excommungado tagaréla!

PANCRACIO.- Ainda teimo em que a palavra: Estanima index, est pectoris imago, a imagem da alma e o retrato do coração. (Desapparece do palco para immediatamente apresentar-se á janella.) Sim, sim, é um espêlho que nos representa clara

e distintamente os mais occultos arcanos da noss'alma: sendo, pois, Vmcê. um animal dotado de rasão, ac per consequens tendo a faculdade de falar, por que me não explica nitidamente o seu pensamento? (Volta ao palco.)

ESGANARELLO.-Isso agora é outra cantiga; mas, como me hei de explicar si V. S. me não deixa falar!

PANCRACIO.-Pois fale.

ESGANARELLO.-Senhor, doutor, eu queria...

PANORACIO.-Com brevidade, que não posso ter demora.

ESGANARELLO.-Eu me explico em poucas palavras; senhor doutor, tendo eu resolvido...

PANCRACIO.-Estote brevis: nada de prolixidade.

ESGANARELLO. Tendo resolvido...

PANORACIO.-Atalhe a sua proposição com um apophtegma á laconiana.

ESGANARELLO.-Tendo eu resolvido ca...

PANCRACIO.- Nada de rodeios, de circumlocações, seja breve.

ESGANARELLO.-Já sei, deixe-me falar. Eu quero ca....

PANORACIO.-Evite circumstancias escuras, palavras obscuras, e phrases truncadas que corrompam o sentido da oração: clarêza, clarêza. (Torna a sair, e posta-se á janella.)

ESGANARELLO.- Deixe-me falar, endemoninhado!

PANCRACIO.-Sim, fale, que eu tambem quero falar, e com muito laconismo. Fale, fale, néscio! E' mais bocal, que o bruto que dizia a forma do chapéo !

ESGANARELLO.- Fóra, senhor doutor! V. S. está louco? Vá gritar para o inferno; deixe-me falar, ou leva-o a bréca. (Atira lhe pedras á janella; Pancraccio volta ao pro-scenio.)

PANCRACIO.-Hei de lhe provar por um syllogism baseado em argumentos in barbara, demonstrativos e concludentes, que Vmcê. não passa de uma besta quadrada, e in utroque jure, um erudito.

ESGANARELLO: Continúas, tagaréla 1.

PANCRACIO, vollando do palco: -Um lettrado, um archiperacita. ESGANARELLO.

Ainda !!..

PANCRACIO. Um cientista universal, consummado em todos os ramos de conhecimentos humanos, physicos, naturaes, moraes e politicos. (Volta.) Um sabio,

sapientissimo, per omnes modos et casus. (Suhindo) Versadissimo superlative, note bem Vmcê., em mythologia, em fabulas, em historias. (Volta) Illuminado e illuminista. Grande granimatico, rhetorico, dialecta e sophista... (Sahe, para voltar logo. Poeta excelso, mathematico, arithmetico, geometra, algebrico, optico, (Sahindo:) physico, archimanico, magico, cosmometro, architecto... (Volta.) captotrico, speculorio e especulatorio... (Sahindo) Medico, astronomico, astrologo, physionomista, metoposcopista, chiromante, geomante, e, sobretudo, philosopho e critico. (Vae-se de uma vez.)

ESGANARELLO.-Some-te, grandissimo basófiio e mais a tua fanfarronice!  
Maldita peste de taramelheiros!

#### SCENA VII

ESGANARELLO, só

ESGANARELLO.-Estou desesperado :- é preciso que procure outro doutor, mais cordato e calmo do que este. Mas, eu o vejo ir passando lá, ao fundo... (Chama :) O senhor doutor, doutor!

#### SCENA VIII

ESGANARELLO E MARPHURIUS

MARPHURIUS.-Que ordena, senhor Esganarello ?

ESGANARELLO, comsigo: (Este agora é vinho de outra pipa!) Tem melhor modo. Ao outro dei Senhoria, - a este, darei Excellencia. (Alto :) Senhor doutor, desejo consultar V. Ex. sobre certo e delicado assumpto; e, para esse effeito, vim propositalmente aqui.

MARPHURIUS.-Perdoe-me, senhor Esganarello, esse seu modo de exprimir não é correcto.

ESGANARELLO.-Por que ?

MARPHURIUS. -Porque a philosophia pyrrhonica- pyrrhoneana abomina toda a proposição decisiva. Vmcê. nunca deve formar juizo certo: Quo posito, devia dizer: parece-me que vim e não affirmar que veio.

ESGANARELLO.-Pois, senhor doutor, eu hei de dizer. parece-me, quando sei ao certo que vim!

MARPHURIUS.-Sim, senhor, deve dizer: parece-me. Tambem a mim me está parecendo que estou aqui com Vmcê., e que Vmcê. está commigo; e talvez que nenhuma

destas cousas assim seja.

ESGANARELLO.-Essa é bôa, senhor doutor! E' crível isso 1 Pois V. Ex. póde duvidar que veio e que está aqui commigo ?

MARPHURIUS.-Posso e devo duvidar. Nós outros, os philosophos pyrrhonicos, .duvidâmos de tudo. Que deu a Vmcê. a certeza de que veio, de que eu vim e de que estamos aqui ambos Póde ser que nem Vmcê., nem eu viesse, e tambem póde ser que não estejâmos aqui: tudo póde ser.

ESGANARELLO, áparte :-Este está me parecendo agora peor do que o collega: o outro é um energumeno, - este, um teimôso incredulo... (Alto:) Pois, senhor doutor, V. Ex. ha de duvidar de que eu o vêjo e de que estamos ambos falando um com o outro!

MARPHURIUS.-Sim, senhor, nós devemos duvidar de tudo..

ESGANARELLO, áparte-Que casta de philosophia será esta (Alto:) Senhor doutor, desejo casar-me, mas como receio aquella desgraça que de ninguem alcança compaixão, entende-me V. Ex. 1-quizera o seu conselho sobre o que devo resolver no presente. Que me diz, senhor doutor, parece-lhe que faço bem ?

MARPHURIUS.-Póde ser que faça.

ESGANARELLO. E diga-me: V. Ex. acha que serei bem succedido neste casamento ?

MARPHURIUS.-Póde ser que seja.

ESGANARELLO.- A minha futura tem alguma coisa, é bem prendada, bonita, mas teino que succeda...

MARPHURIUS. Não me parece impossivel, não.

ESGANARELLO.-O pae concedeu-m'a mas, eu não sei que resolva. Diga me, senhor doutor, que faria V. Ex. ?

MARPHURIUS.-Não sei.

ESGANARELLO.-Eu já dei palavra; mas, como temo esta cabeça, esta cabeça... Que me diz V. Ex. ?... Não póde succeder...?

MARPHURIUS.-Póde ser que sim.

ESGANARELLO.- Que me aconselha então que faça ?

MARPHURIUS.-O que quizer.

ESGANARELLO.-E diga-me, senhor doutor, desengane-me, desengane-me: procedo bem, ou mal?

MARPHURIUS.-Póde ser què sim, e póde ser que não. Tudo póde ser.

ESGANARELLO, áparte: - -Não ha dúvida, este é peorissimo do que o outro. (Alto :  
:) Então, em que assenta V. Ex. ?

MARPHURIUS.-Em nada.

ESGANARELLO, áparte: Gente mais incomprehensivel do que estes malditos philosophos: estou aqui ba mais de uma hora e não me foi possivel ainda arrancar do buxo d'este animal uma affirmativa. Forte mania a delle! forte pachorra a minha! Senhor doutor, V. Ex. veja que fala com um homem abonado.

MARPHURIUS.-Póde ser que seja.

ESGANARELLO. E que, como tal, quizera de V. Ex. este consêlho. Então, que me responde Effectúo o casamento ?

MARPHURIUS.-Eu não sei.

ESGANARELLO.-Ponha-se no meu logar: faria ou não faria?

MARPHURIUS. Póde ser que sim, e póde ser que não.

ESGANARELLO. Ora, senhor doutor pyrrhónico, V. Ex. não vai por bem? (Comsigo:) Espera, philosopho de uma figa, que eu te farei mudar de toada... (Tira de um cacéte e dá-lhe.)

MARPHURIUS.-Ai ai Lai! V. M. dá-me, senhor visinho ?

ESGANARELLO.- Póde ser que dê, e póde ser que

MARPHURIUS.-Olhe que as pancadas me dóem.

ESGANARELLO.- Os philosophos pyrrhonicos não devem asseverar nada, e assim V. Ex. dir-me ha: parece que me doem, e não affirmar.

MARPHURIUS.-Aqui tenho, na pelle, as manchas perfeitamente assignaladas.

ESGANARELLO.-Tudo póde ser; nada é impossivel.

MARPHURIUS.-Vou queixar-me á justiça.

ESGANARELLO.-Póde ser que sim,-lavo as mãos.

MARPHURIUS.-Vmcê. irá para o xadrez.

ESGANARELLO.-Póde ser que não.

MARPHURIUS.-Vmcê. deu-me muita pancada.

ESGANARELLO.-Mas V. Ex. deve duvidar de tudo.

MARPHURIUS.-Hei de despicar-me desta affronta.

ESGANARELLO.- Não é cousa impossivel, tudo póde ser. Tudo é possivel, nada é impossivel...

MARPHURIUS. - Vou requerer a competente ordem de prisão.

ESGANARELLO. Bem póde ser,- eu não affirmo, nem contesto.

MARPHURIUS, sahindo: - E depois veremos.

ESGANARELLO.-V. Ex. nada póde, nem deve affirmar. Adeusinho.

MARPHURIUS.-Não seja eu quem son, si não me desforçar desta injuria. (Sahe.)

#### SCENA IX

ESGANARELLO, só

ESGANARELLO.-Fóra com a tal philosophia pyrrhonica! E' capaz de fazer desesperar um santo. Tirei-te o séstro de duvidar de tudo; mas, de que levaste muita pancada, disso,- oh!- vás tu certo. Fóra !:Quem me déra uma pessoa criteriosa que me desenganasse... Ah! distingo d'aqui duas ciganas, que se approximam... Excellente idéa! Ellas, que leem no futuro, dir-me-hão a sorte que me espera.

#### SCENA X

O mesmo e as CIGANAS

As duas ciganas egypcias entram cantando, e dansando, ao rufo dos seus pandeiros

ESGANARELLO. E como são galantes, Ola? olá ? aproximem-se.

1ª. CIGANA.-Gentil cavalheiro, quer que lhe leiamos a buenadicha? Aqui tem duas infalliveis adivinhas ao seu dispôr.

ESGANARELLO, Comsigo :- (Boa occasião de desenganar-me...). 2ª

CIGANA.-Não nos responde ? Que receia !

1ª CIGANA.-Basta estender-nos a mão... com a respectiva cruz dentro, já se sabe, e o resto correrá por nossa conta.

ESGANARELLO.-Cheguem se bem para mim... Tomem lá primeiro a espórtula... (Dá-lhes uma moeda.) Bom. Aqui têm agora a mão.

1ª CIGANA, lendo-lhe nas linhas da mão: - Sua vida está muito atrapalhada...

ESGANARELLO. Lá isso está, pois tenciono tomar estado.

2ª CIGANA.-Com uma fidalga rica e extraordinariamente bella.

ESGANARELLO.-Sim... sim... Formosíssima! 1ª

CIGANA. E de recommendavel reputação...

ESGANARELLO.-Recommendavel? Essa agora é que não entendo...

2ª CIGANA.-Queremos dizer: reputação inequívoca; pois, embora acercada de distintos cavalheiros, o cavalheiro, seu marido, terá o prazer de vê-la de todos muito... muito.

1ª CIGANA.-Muito amiga.

ESGANARELLO.-Amiga de todos !! Arreda! Ai, minha cabeça! minha cabeça! 1ª

CIGANA.-E o cavalheiro, seu marido, será realmente achacadíssimo de protuberancias...

ESGANARELLO, ameaçando as com o bengalão:-Aonde ! Fóra d'aqui, grandíssimas agoureiras !... Sim... sim... Na testa! (Sahem dansando, cantando, rufando o pandeiro.)

## SCENA XI

ESGANARELLO, só

ESGANARELLO. Desenganado, áfinal! Vou já e já desmanchar o tal casamento.. Mas, para aqui se dirige a proposito o pae da minha noiva....

## SCENA XII

ESGANARELLO E ALCANTOR

ALCANTOR.- Bons dias, meu illustre genro...

ESGANARELLO.-Servo do senhor Alcantor.

ALCANTOR.-Em procura de V. M. tenho andado toda esta manhã, sem que o pudesse encontrar. Estimo achal-o ainda aqui... Quero dar-lhe parte de como tudo se acha dispôsto para o casorio... Minha filha está n'uma impaciencia... Desejo que hoje mesmo se faça... Está prompt?

ESGANARELLO.-Olhe, senhor Alcantor, prefiro externar-lhe a verdade, e sem ambages: eu não me quero mais casar.

ALCANTOR. - Essa agora é bonita! E por que 1

muito.

casar.

ESGANARELLO.-Não lh'o posso dizer... Esta cabeça... esta cabeçu... dóe-me

ALCANTOR. -Pois esperemos tenha melhoras.

ESGANARELLO.-Qual! Isto cada vez ha de ir a peor.

ALCANTOR. E V. M. já tem essa certêza ?!

ESGANARELLO. Oh, se tenho! Eu cá me entendo... Definitivamente, não quero

ALCANTOR. O que ?.. V. M. deu a palavra de casamento á minha filha, ha de forçosamente cumpril-a.

ESGANARELLO.-Forçosamente ? Mas, se dóe-me a cabeça!

ALOANTOR-Explique-se melhor, -não o entendo.

ESGANARELLO. Não mais quero casar; tem sido muito agourado este malfadado casamento; e, sobretudo, esta cabeça, esta cabeça!

ALOANTOR.-Pois está bem, fique-se V. M. embora, que eu com brevidade aqui mando quem o ha de fazer casar á força; já que o não quer por bem, ha de querel-o por mal. Até já. (Sahe.)

### SCENA XIII

ESGANARELLO, só

ESGANARELLO. -Que entalação! Quer por força que eu queira o que não quero. Boa historia. O que resta é, ainda em cima, pregrarem commigo na Cadeia... Em todo caso, este sujeito me parece um pouco mais accommodado, do que eu pensava. Eu morro pelo casamento, mas o peor são as dôres de cabeça... Felizmente ahi vem o filho restituir-me a palavra... Entre pessoas educadas, estas questões resolvem-se sempre do melhor modo.

### SCENA XIV

ESGANARELLO; e ALCIDAS com dous florêtes á mostra e um cacête  
á sobcapa

ALCIDAS, mellifluamente :-Bom dia, meu caro senhor.

ESGANARELLO.-Muito bom dia.

ALCIDAS.-Humilde e reverente criado de Você.

ESGANARELLO.-Eu sou que o sou de Vmcê., e para o servir com todo meu coração.

ALCIDAS, sempre no mesmo tom: -Disse me meu pae, neste momento, que Você se arrependêra de casar com minha irmã, e assim venho ter com Você para lhe tomar a devida satisfação desse arrependimento, quasi repulsa. Ou me ha de deixar satisfeito com rasões justas ou ha de brigar commigo, ou ha de casar com minha irmã. Escolha destas tres cousas a que lhe parecer mais util; supponho será a de casar, -pois, não ? -sob pena de... (Apresenta-lhe os dous florêtes.) Quanto antes, não tenho tempo a perder:-escolha um dos alvitres.

ESGANARELLO.- Para que?

ALCIDAS. -O senhor pede minha irmã em casamento, sem mais nem menos, encolhe se, refuga, -e ainda pergunta para que ? E' motive por esta pequena prova de o para ficar-me agradecido por esta prova de consideração!

ESGANARELLO, áparte:-(Quer varar-me de lado a lado, e ainda chama-a pequena prova de...)

ALCIDAS. Qualquer outro cercaria este incidente de grande espalhafato, convertendo-o num verdadeiro escandalo social; nós. porém, não somos sanguinarios; a contrário, somos pessoas pacatas e cordatas, limitando-nos por isso a propôr-lhe muito cortezmente, si porventura nisso concordar, e não houver impedimento, que nos cortêmos mutua e dignamente o pescoço.

ESGANARELLO.-Não está má a cortezia....

ALCIDAS, apresentando-lhe os florêtes: -Acabemos com isto. Deixei em solução um alto negocio, que não podia interromper, tão só para vir aqui attendêl-o... Vamos com isso, lembre-se que me esperam.

ESGANARELLO.-Mas...

ALCIDAS.-Mas, o que?!

ESGANARELLO.-Senhor Alcidas, escute, eu levava em muito gosto este casamento, mas a minha cabeça... Senhor Alcidas, eu...

ALCIDAS. -Não se confunda, responda em termos: tem algum embaraço que o inhiba, com legitima causa, de tomar estado?

ESGANARELLO. -Sou extrêmadamente escrupuloso. Dorimena, sua gentil irmã, é muito bonita, bonita de mais, já me entende? e então receio ir de embrulho neste negocio; percebe ?

ALCIDAS.-Ah! essas é que são as dôres de cabeça! eu lh'as tirarei cortando o mal pela raiz: pégue neste florête; ha de aqui bater-se commigo..

ESGANARELLO.--Eu, senhor Alcidas? Além de velho, sou quebrado das virilhas; e assim, como posso bater-me?

ALCIDAS.-Si não bater-se, espanco-o. (Mostra-lhe o cacete)

ESGANARELLO.-Senhor Alcidas, eu sou muito seu amiguinho...

ALCIDAS.- Não quer Tome lá. (Dá-lhe.)

ESGANARELLO.-Tenha mão, senhor Alcidas.

ALCIDAS. Ou casa com minha irmã, ou desanco-o a pauladas.

ESGANARELLO.- Contenha-se, senhor Alcidas. Eu caso, eu caso: levo isso muito em gôsto...

ALCIDAS.-Agora, sim, senhor, sômos amigos... Venha de lá esse abraço bem apertado. O mais é historia. (Abraçam-se.)

ESGANARELLO, áparte:-(Depois que me derriou das cadeiras !...)

ALCIDAS, chamando: -Meu pae ? minha irmã ? O senhor Esganarello está promptissimo para receber Do- rimena em casamento.

ESGANARELLO, áparte :- (Que remedio tenho eu! A pulso! a páo! Ai, minha cabeça !...)

## SCENA ULTIMA

### Os mesmos e ALCANTOR E DORIMENA

ALOIDAS, desfazendo-se em mesuras: - Meu pae, não nos enganámos com o senhor Esganarello,-é um cavalheiro a toda prova. Tendo-se elle dignado rematar camarariamente este incidente, acho que deve conceder-lhe minha irmã em casamento.

ALCANTOR. -Filha, estende a mão de espôsa ao senhor Esganarello; (A Esganarello :) e já que tão anciôso a solicitou, é justo que a alcance, estendendo-lhe tambem a sua. Compete lhe d'aqui em diante zelar pelo seu comportamento, pois sobre sua cabeça recahirão as consequencias de...

ESGANARELLO -Sobre minha cabeça!! Valha-me Nossa Senhora! Que pêso!!

DORIMENA.- Vôo ardôrosa aos seus amorosos braços, pois felicissima me julgo enlaçando-me áquelle que tantos sacrificios ha feito para alcançar meu coração, e os fará, d'aqui em diante, para conserval-o. Aqui está a minha mão.

ALCIDAS.-Ande, senhor Esganarello, não se demore.

ESGANARELLO.-Ahi tem a minha.

ALCANTOR e ALCIDAS. - Muito bem ! (Estâmos alliviados d'esta carga.) Parabens e mais parabens.

ALCANTOR, comsigo:-(E aguenta-te no balanço, pois não sabes a bisca que levas...).

ESGANARELLO.-(Ai, minha cabeça !)

DORIMENA, faceiramente :- Amado espôso, estranho muito a frieza com que me tratas.

ESGANARELLO.-Illusão tua, interessante Dorimena, eu sempre te quiz muito bem, muito bem.

ALCIDAS. N'esse caso, vivam os felizes noivos!

ALCANTOR E ALCIDAS.-Vivam!..

ALCIDAS. Toca a rir, a folgar, festejando este auspiciôso consórcio. E aqui, auditório illustre, aos vossos olhos se mostra o modo com que se faz um casamento a pulso.

(Desce o panno)

#### ADVERTENCIA Á GUIA DE NOTA

A classificação, por mim dada, de fasciculo, aos dous anteriores volumes, e quiçá também a este, do Brazil-Theatro, classificação que parece denunciar ausencia absoluta de plano ao encetar tal genero de trabalho, deixa ver claramente o meu intento logo nos primeiros 80 d'esta publicação, que foi offerecer ao público, á semelhança do desaparecido Théâtre contemporain illustré, de Michel Lévy, livraisons mensaes, comprehendendo apenas uma peça de espectáculo, seguida de comedia em um acto, ficando isso plenamente demonstrado pelo formato escolhido, com duas columnas por pagina, e, como illustração, larga gravura ao alto de qualquer das duas composições. Esse projecto, porém, apresentando-se completamente outro, quer no primeiro volume, quer, e peiormente, no segundo, radicalmente abolio a comprehensão do vocabulo adoptado, o que, á falta de reparo, conservei no terceiro, isto é, no presente volume, para o qual aliás fixára limites, embora nos successivos, e mais amiudados fasciculos, fosse, sem interrupção de nova materia, completando as producções já encetadas, até que, uma vez integralmente reproduzidas, eu pudésse obedecer ao promettido plano. Mas, questão de temperamento apenas, não tomem a serio esta promessa, porque, agora mesmo, ao traçar estas linhas, longe de rematar no ponto competente o terceiro fasciculo, premedito amplial-o, isto é, penso em convertêl-o n'um volumôso livro, visto que, pretendo, incitado por uma bellissima gravura de Court sobre o motivo da morte de Hippolyto, augmental-o

com ella, e mais os trêchos, em portuguez, dos classicos que descreveram esse episodio em suas tragedias. Assim pois, tentado, no primeiro fasciculo, pela collectanea das differentes Castros; aguilhoado, no terceiro, pela estampa de Court; e, no segundo, forçado pelas condições especiaes a que me arrastou o estudo sobre o tragico brasileiro João Caetano e o theatro de Shakespeare, e, mais, pelo dever, que me cumpria, de dar condigna hospedagem, n'estas paginas, & primeira tragica do seculo-Sarah Bernhardt, ficou prejudicado o primitivo plano do Brazil-Theatro em proveito de maior material, material accumulado nas minhas estantes de curiosidades bibliographicas, e nas minhas gavêtas de obscuro e desvaloroso escriptor; vale todo este mal alinhavado aranzel por dizer que o Brazil-Theatro assim continuará seu caminho emquanto eu não rematar, n'elle, as publicações com tanto carinho e sacrificio iniciadas. A proposito das Castros, cumpre-me consignar que cinco apenas não me chegaram ás mãos, para tomar corpo n'este repertório dramatico: a Inês di Castro, de Pepoli (Marquez Giachimo Napoleone); publicada na Bolonha em 1855, e que fez parte do repertório da Adelaide Ristori; a Morta, drama original de Henrique Lopes de Mendonça, sobrinho do notavel escriptor A.

P. Lopes de Mendonça, representada pela primeira vez no theatro de D. Maria, em 1890; a tragedia Ignez de Castro, de Sebastião Xavier Botelho; a peça em 5 actos, em verso, Ignez de Castro, de José de Souza Monteiro; e, finalmente, a tragedia D. Maria Telles, ou a II parte de D. Ignez de Castro, que, sem mais indicação, figura na lista das comedias e tragedias que se vendiam na Loja de João Henriques, á Rua Augusta n. 1, Lisboa. Officina de Domingos Gonçalves. Anno MDCCLXXXIII; peças, ou cópias, que me proponho adquirir, embora a preço de raridade de catalogo. E bem assim a Morte de Hippolyto, de Pradon, que não figura entre as demais por não havê-la, no momento, encontrado no Mercado. -DR. PIRES DE ALMEIDA. Artistas estrangeiros que, tendo-se domiciliado no Brazil, muito concorrêram para o desenvolvimento e progresso do nosso theatro.